



ENTREVISTA

Apresentada pelo governo ao Congresso em dezembro, a proposta de reforma da Previdência caminha na direção correta, avalia o gerente-executivo de Política Econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco, ao buscar a preservação do sistema no longo prazo, com “igualdade e sustentabilidade”

EDUCAÇÃO

**SESI E SENAI
CONCILIAM ENSINO
E QUALIFICAÇÃO
PARA O MERCADO**

INOVAÇÃO

**COSMÉTICO
À BASE DE
PIMENTA PREVINE
ENVELHECIMENTO**



Goiás Industrial

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

ANO 65 / Nº 274 / FEVEREIRO 2017

2017

Um ano (ainda) DE INCERTEZAS

AS EXPECTATIVAS DO SETOR INDUSTRIAL GOIANO PARA 2017 COMBINAM CERTO OTIMISMO, AINDA BASTANTE CAUTELOSO, E DÚVIDAS EM RELAÇÃO AO COMPORTAMENTO DA ECONOMIA, DIANTE DAS PREVISÕES DE CRESCIMENTO AINDA MUITO BAIXO

ENERGIA

**SOB NOVO COMANDO,
CELG D ANUNCIA
INVESTIMENTOS
PARA DESTRAVAR
GARGALOS**

TRANSPORTE

**QUALIDADE
DAS RODOVIAS
MELHORA, MAS 62%
AINDA APRESENTAM
DEFICIÊNCIAS**

SUA SIPAT FICA MELHOR COM O SESI

Todas as soluções de que sua
empresa precisa em um só lugar.

Incríveis Palestras Show e Stand Ups



Teatros



Aulão motivacional



Odontologia móvel



Minicursos



Espaço Zen



Palestras

Leve Inovação em segurança para sua empresa.

Alguns de nossos temas:

- DST e AIDS • Diabetes, Colesterol e Hipertensão • Tabagismo e Alcoolismo • Drogas
- Dengue, Zika e Chikungunya • EPI e Prevenção de Acidentes • Ergonomia, LER e Dort
- Higiene Pessoal • Saúde Bucal • Meio Ambiente • Gerenciamento 5S
- Qualidade de Vida • Segurança no Trânsito • Combate a Incêndios

Informações:

Goiânia: 4002 6213 | Demais Localidades: 0800 642 1313



Goiás Industrial

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Nº 274 / FEVEREIRO 2017

EDUCAÇÃO

27 / Escolas Sesi e Senai conciliam educação básica e qualificação de profissionais com o perfil exigido pelo mercado

QUALIFICAÇÃO

33 / Senai e Fundação Hermann Hering tocam o projeto A Arte de Costurar e levam ao interior do Estado capacitação em costura industrial em malha

INOVAÇÃO 1

34 / Desenvolvido com apoio do Edital Sesi Senai de Inovação 2016, cosmético à base de pimenta, da Alta Cosmética, previne envelhecimento

INOVAÇÃO 2

38 / Fruto de parceria entre a Escola Senai Vila Canaã e a Toctao Engenharia, o projeto Ecoágua (Mini-Ete), uma miniestação compacta de tratamento de efluentes de obras, ganha 3ª premiação

ACADEMIA NA OBRA

39 / Parceria entre o Sesi e a Consciente Construtora, o Projeto Academia na Obra foi premiado na 11ª edição do Top Imobiliário e Condominial, mais importante premiação do setor no Centro-Oeste

MADE IN GOIÁS

40 / A vinícola Pireneus adota neste ano estratégia de mercado mais agressiva, com o objetivo de assegurar mais visibilidade aos vinhos que produz

GENTE DA INDÚSTRIA

41 / Ações de responsabilidade social e solidariedade na indústria

GIRO PELOS SINDICATOS

45 / Promoções, debates e ações em defesa das indústrias



Um ano de baixo CRESCIMENTO

CAPA

10 / As projeções mais recentes para a economia em 2017 vêm sendo revisadas para baixo pelos mercados, por institutos de pesquisa e mesmo pelo governo, sugerindo crescimento ainda tímido, entre 0,3% e 1,5%. As principais lideranças do setor industrial antecipam expectativas mistas em relação ao ano recém-iniciado. Há temores de que as turbulências ainda presentes na área política continuem a influenciar o setor produtivo de forma negativa, mas também há a perspectiva de alguma melhoria à frente, como decorrência das reformas desenhadas por Brasília.

No artigo **Deixar os gargalos para trás**, o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, considera "alvissareiro" para a indústria no Estado o anúncio de investimentos pelos novos controladores da Celg D, que reforçaram sua disposição de eliminar os gargalos na área de distribuição de energia, em visita à Diretoria Executiva da instituição. Pedro Alves sustenta, ainda, que o País não pode repetir 2016, "quando a economia brasileira enfrentou um de seus piores anos". Para isso, defende ele, é preciso urgência nas reformas estruturais, incluindo a previdenciária e a trabalhista, "indispensáveis para criar condições de o Brasil retomar o rumo do crescimento econômico e do desenvolvimento social".



José Paulo Lacerda

ENTREVISTA

6 / O gerente-executivo de Política Econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco, afirma que a proposta de reforma da Previdência, encaminhada no final do ano ao Congresso pelo governo, caminha na direção correta ao buscar a "sustentabilidade e a igualdade" do sistema.

ENERGIA

21 / Carlo Zorzoli, presidente da Enel Brasil, nova controladora da Celg D, anuncia investimentos de US\$ 800 milhões em três anos

RODOVIAS

24 / No ano passado, quase 38% das rodovias do Estado estavam em ótimas ou boas condições, mas 62% ainda apresentavam deficiências, acima da média de 58% em todo o País

MERCADO DE TRABALHO

30 / Pesquisa inédita do IEL Goiás confirma que o currículo e as entrevistas de seleção estão entre as principais preocupações de quem busca o primeiro emprego



SISTEMA FIEG

Federação das Indústrias
do Estado de Goiás

Presidente: Pedro Alves de Oliveira

FIEG REGIONAL ANÁPOLIS

Presidente: Wilson de Oliveira
Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Bairro
Jundiá, CEP 75113-630, Anápolis-GO
Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565
E-mail: fieg.regional@sistemafieg.org.br

SESI

Serviço Social da Indústria

Diretor Regional: Pedro Alves de Oliveira
Superintendente: Paulo Vargas

SENAI

Serviço Nacional de
Aprendizagem Industrial

Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi

Diretor: Hélio Naves
Superintendente: Humberto Oliveira

ICQ BRASIL

Instituto de Certificação Qualidade Brasil

Diretor: Sônia Rezende (interino)
Superintendente:
Dayana Costa Freitas Brito

Diretores

Sandro Antônio Scodro Mabel
Otávio Lage de Siqueira Filho
José Nivaldo de Oliveira
Jaime Canedo
Pedro Silvério Pereira
Joaquim Guilherme Barbosa de Souza
João Essado
Elvis Roberson Pinto
Sílvio Inácio da Silva
Eliton Rodrigues Fernandes
Olympio José Abrão
Carlos Roberto Viana
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Ledra
José Antônio Vitti
José Luiz Martin Abuli
Wellington Soares Carrijo
Álvaro Otávio Dantas Maia
Jair Rizzi
Robson Peixoto Braga
Edilson Borges de Souza
José Divino Arruda
Domingos Sávio Gomes de Oliveira
Eduardo Cunha Zuppani
Mário Renato Guimarães de Azeredo
Emílio Carlos Bittar
Antônio Benedito dos Santos
Leopoldo Moreira Neto

Conselho fiscal

Célio Eustáquio de Moura
Jerry Alexandre de Oliveira Paula
Orizomar Araújo Siqueira

Conselho de representantes junto à CNI

Pedro Alves de Oliveira
Paulo Afonso Ferreira

Conselho de Representantes junto à Fieg

Abílio Pereira Soares Júnior
Ailton Aires Mesquita
Alexandre Araújo Moura
Alexandre Baldy de Sant'anna Braga
Álvaro Otávio Dantas Maia
Alyson José Nogueira
Antônio Alves de Deus
Antônio Benedito dos Santos
Antônio Humberto Alves de Sousa
Bruno Franco Beraldi Coelho
Carlos Alberto de Paula Moura Júnior

Carlos Alberto Vieira Soares
Carlos Roberto Viana
Célio Eustáquio de Moura
Daniel Viana
Domingos Sávio G. de Oliveira
Edilson Borges de Sousa
Eduardo Cunha Zuppani
Eduardo José de Farias
Eliton Rodrigues Fernandes
Elvis Roberson Pinto
Enoque Pimentel do Nascimento
Emílio Carlos Bittar
Eurípedes Felizardo Nunes
Fábio Rassi
Flávio Paiva Ferrari
Flávio Santana Rassi
Gilberto Martins da Costa
Hélio Naves
Heitor de Oliveira Neto
Heribaldo Egidio
Ian Moreira Silva
Jaime Canedo
Jair Rizzi
Jaques Jamil Silvério
Jerry Alexandre de Oliveira Paula
Joana D'Arc da Silva
João Essado
Joaquim Cordeiro de Lima
Joaquim Guilherme Barbosa de Souza
José Alves Pereira
José Antônio Vitti
José Divino Arruda
José Luiz Martin Abuli
José Magno Pato
José Romualdo Maranhão
Laerte Simão
Leopoldo Moreira Neto
Luiz Antônio Gonçalves Fidelis
Luiz Antônio Vessani
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Rézio
Marley Antônio Rocha
Olavo Martins Barros
Orizomar Araújo de Siqueira
Otávio Lage de Siqueira Filho
Paulo Lobo de Araújo Júnior
Paulo Sérgio de Carvalho Castro
Pedro Alves de Oliveira
Pedro de Souza Cunha Júnior
Plínio Boechat Lopes
Roberto Elias de Lima Fernandes
Robson Peixoto Braga

Sandro Antônio Scodro Mabel
Ubiratan da Silva Lopes
Valdenício Rodrigues de Andrade
Wilson de Oliveira

CONSELHOS TEMÁTICOS

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

Presidente: Heribaldo Egidio

Conselho Temático de Meio Ambiente

Presidente: Pedro Silvério Pereira

Conselho Temático de Infraestrutura

Presidente: Célio Eustáquio de Moura

Conselho Temático de Relações do Trabalho

Presidente: Olympio José Abrão

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa

Presidente: Jaime Canedo

Conselho Temático de Responsabilidade Social

Presidente:
Antônio de Sousa Almeida

Conselho Temático de Agronegócios

Presidente:
Joaquim Guilherme Barbosa de Souza

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Presidente: Emílio Bittar

Conselho Temático Fieg Jovem

Presidente: Leandro Almeida

Câmara Setorial de Mineração

Presidente: Wilson Borges

Câmara Setorial da Indústria da Construção

Presidente: Sarkis Nabi Curi

DIRETORIA DA FIEG (2015-2018)

Presidente: Pedro Alves de Oliveira

1º Vice-presidente: Wilson de Oliveira

2º Vice-presidente:
Antônio de Sousa Almeida

3º Vice-presidente:
Gilberto Martins da Costa

1º Diretor Secretário:
Carlos Alberto de Paula Moura Júnior

2º Diretor Secretário: Heribaldo Egidio

1º Diretor Financeiro:
André Luiz Baptista Lins Rocha

2º Diretor Financeiro: Hélio Naves

EXPEDIENTE

Goiás Industrial
REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS
INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Direção
José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo
Geraldo Neto

Edição
Lauro Veiga Filho e Dehovan Lima

Reportagem
Andelaide Lima, Célia Oliveira,
Daniela Ribeiro, Nathalya Toalieri e

Janaina Staciari e Corrêa

Colaboração
Wellington da Silva Vieira
Adriana Moreno

Fotografia
Alex Malheiros

Projeto gráfico
Jorge Del Bianco

**Capa, ilustrações,
diagramação e produção**
Jorge Del Bianco
DC Design Gráfico e Comunicação

Impressão
Gráfica Kelps

Departamento Comercial
(62) 3219-1720

Redação e correspondência
Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco,
Casa da Indústria - Vila Nova
CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300 - Fax (62) 3229-2975
Home page: www.sistemafieg.org.br
E-mail: ascom@sistemafieg.org.br

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista



Deixar os gargalos para trás

É alvissareiro para a indústria goiana o anúncio da disposição do grupo italiano Enel, que arrematou a Celg Distribuição no leilão realizado no ano passado, de investir, entre 2017 e 2019, US\$ 800 milhões na solução definitiva dos gargalos enfrentados pelas empresas goianas no setor de eletricidade.

Soa como música – e música boa! – a promessa do presidente da Enel Brasil, braço brasileiro do grupo, Carlo Zorzoli, em entrevista à **Goiás Industrial**, durante visita à Diretoria Executiva da Fieg, oportunamente publicada nesta edição (*páginas 21 e 22*). Os planos do novo controlador contemplam investimentos anuais entre R\$ 850,0 milhões a R\$ 930,0 milhões, em torno de quatro a quatro vezes e meia o valor médio investido anualmente pela distribuidora entre 2010 e 2015, na faixa de R\$ 208,2 milhões. As prioridades apontadas – qualidade do serviço, atendimento à demanda reprimida e expansão da rede em Goiás – vêm ao encontro de nossas necessidades no setor.

Há quanto tempo esperamos por isso? Cautela à parte, é a melhor notícia deste ano novo, que chega marcado por hercúleos desafios para a sonhada retomada econômica. Otimista, Carlo Zorzoli projeta que a economia goiana poderá crescer entre 2,5% e 3,5% nos próximos três anos.

Insumo vital para movimentar o setor produtivo, a energia elétrica, cujo fornecimento em Goiás deixa a desejar em quantidade e qualidade nos últimos anos, é vilã que emperra o crescimento de nossa dinâmica economia. Por isso mesmo, a Fieg elegeu esse como assunto prioritário entre as demandas da indústria, o que tem mobilizado lideranças do segmento e do Fórum Empresarial goiano a cobrar incansavelmente soluções junto ao governo estadual e federal. Uma verdadeira bandeira nossa, que a partir da venda da Celg sinaliza dias melhores.

“Insumo vital para movimentar o setor produtivo, a energia elétrica, cujo fornecimento em Goiás deixa a desejar em quantidade e qualidade nos últimos anos, é vilã que emperra o crescimento de nossa dinâmica economia.”

PEDRO ALVES DE OLIVEIRA, presidente da Fieg e dos Conselhos Regionais do Sesi, Senai e Sebrae

Para não repetir 2016 - No balanço e perspectivas 2016-2017 que fazemos, juntamente com lideranças da indústria (*leia nas páginas 10 a 20*), insistimos nas reformas trabalhista e da Previdência, no combate às altas taxas de juros, bem como defendemos a nova política fiscal do governo que limita os gastos públicos. Afinal, são três propostas vitais, sobretudo neste momento de grave crise, para o País romper a bolha de inércia que impede o crescimento econômico, fechando empresas e deixando como herança maldita o desemprego.

Não podemos repetir 2016, quando a economia brasileira atravessou um de seus piores anos, marcado por instabilidade política, queda da produção, entre outras mazelas. Por isso, o momento é crucial e exige urgência nas reformas estruturais, indispensáveis para criar condições de o Brasil retomar o rumo do crescimento econômico e o desenvolvimento social. ■

Correção de RUMMO

Verene Wolke

A proposta de reforma da Previdência encaminhada pelo governo ao Congresso está na direção certa porque busca a igualdade e a sustentabilidade do sistema atual, na avaliação do gerente-executivo de Política Econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco. Segundo ele, as mudanças são importantes para garantir o pagamento das aposentadorias e pensões no longo prazo e equilibrar as contas públicas. No ano passado, o fluxo de caixa do Regime Geral da Previdência Social (RGPS) teria fechado negativo em R\$ 152,7 bilhões, avançando praticamente 78% em relação ao déficit de R\$ 85,8 bilhões registrado em 2015. Como proporção do Produto Interno Bruto (PIB), levando-se em conta as estimativas do Banco Central (BC) e da Secretaria do Tesouro Nacional (STN), o déficit deve ter se elevado de 1,45% para 2,4% entre aqueles dois anos, refletindo não apenas o aumento das despesas com benefícios previdenciários, mas também a queda real em torno de 5% na arrecadação líquida provocada pela recessão, que trouxe aumento do desemprego e da informalidade.

Entre 2014 e 2016, enquanto os benefícios exigiram desembolsos quase 8% mais elevados, em valores reais, as receitas do sistema caíram 9,2%. As projeções do Ministério da Fazenda para este ano sugerem que o déficit da Previdência tende a avançar para R\$ 181,2

bilhões, aproximando-se de 2,8% do PIB. A reforma, na visão de Castelo Branco, pode reverter essa curva, em um prazo mais longo, ajudando a dar estabilidade ao sistema.

Em sua avaliação, o novo desenho proposto para o RGPS “busca a igualdade e a sustentabilidade do sistema”. Os desequilíbrios atuais, afirma Castelo Branco, “beneficiam os grupos de renda média e alta”, já que “as pessoas de menor poder aquisitivo têm dificuldade de comprovar tempo de contribuição”, porque enfrentam dificuldades maiores para preservar empregos com carteira assinada. Isso faz com que tenham de se aposentar com idade média mais elevada do que aqueles que “têm emprego formal durante a vida produtiva e conseguem se aposentar mais cedo”. São pessoas que tiveram acesso a uma melhor qualificação e, por isso, alcançam rendimentos mais elevados. “A reforma não prejudica as pessoas de baixa renda. Ao contrário, torna o sistema mais igualitário”, aponta ainda o economista.

As medidas propostas pelo governo e em análise no Congresso também ajudarão o País a voltar a crescer, a criar empregos e oportunidades de trabalho para todos os brasileiros. “Ao trazer o equilíbrio das contas públicas, a reforma da Previdência não beneficiará apenas os aposentados. Toda a sociedade ganhará”, afirma Castelo Branco nesta entrevista à **Agência CNI de Notícias**.





“O EQUACIONAMENTO DO DÉFICIT DA PREVIDÊNCIA, QUE SE DARÁ COM A REFORMA DO SISTEMA ATUAL, É INDISPENSÁVEL À RETOMADA DA ESTABILIDADE ECONÔMICA”

Agência CNI de Notícias - Por que a reforma da Previdência é importante para o Brasil?

Flávio Castelo Branco - O crescimento dos gastos da Previdência é o principal componente do déficit público. Nos últimos anos, os gastos com benefícios têm ficado muito acima do valor arrecadado com as contribuições previdenciárias, o que gerou um grande desequilíbrio nas contas públicas. O equacionamento do déficit da Previdência, que se dará com a reforma do sistema atual, é indispensável à retomada da estabilidade econômica.

Agência CNI de Notícias - Quais os principais pontos da proposta de reforma da Previdência que o governo encaminhou ao Congresso Nacional?

Castelo Branco - A proposta do governo está voltada para o lado dos benefícios e muda os critérios de elegibilidade para o cidadão ter acesso à aposentadoria e às pensões. A principal mudança é a introdução da idade mínima de 65 anos para a aposentadoria. O Brasil tem um histórico de aposentadorias muito precoces. Ao impor o limite de idade de 65 anos, o número de beneficiários que entrarão no sistema precocemente se reduzirá

rapidamente. Outro ponto importante é o aumento de 15 para 25 anos do período de contribuição exigido para o segurado ter direito à aposentadoria. A medida é positiva porque a expectativa de vida da população está aumentando. Com isso, os indivíduos precisam contribuir mais tempo, porque passarão mais tempo usufruindo do benefício. A mudança demográfica, que elevou a média de idade da população brasileira, é a origem do desequilíbrio das contas da Previdência. Além disso, a proposta reduz o valor da pensão por morte do cônjuge e não permite o acúmulo de pensão e aposentadoria. Também torna mais igualitárias as regras para os diversos grupos da sociedade. Exemplos disso são a equiparação da idade para a aposentadoria de homens e mulheres e a contribuição do trabalhador rural. Em resumo, o sistema está caminhando para ser mais igualitário.

Agência CNI de Notícias - A reforma proposta pelo governo está na direção certa?

Castelo Branco - Sim, a reforma está bem sinalizada. Busca a igualdade e a sustentabilidade do sistema. Os desequilíbrios atuais beneficiam os grupos de renda média e alta. As pessoas



“A REFORMA NÃO PREJUDICA AS PESSOAS DE BAIXA RENDA. AO CONTRÁRIO, TORNA O SISTEMA MAIS IGUALITÁRIO”

de menor poder aquisitivo têm dificuldade de comprovar tempo de contribuição, porque transitam nos regimes informais da economia. Com isso, acabam se aposentando com uma idade média mais alta do que os que têm emprego formal durante a vida produtiva e conseguem se aposentar mais cedo. Essas pessoas têm melhor qualificação e rendimento mais alto. A reforma não prejudica as pessoas de baixa renda. Ao contrário, torna o sistema mais igualitário.

Agência CNI de Notícias - Quais são as vantagens que os brasileiros terão com a reforma da Previdência?

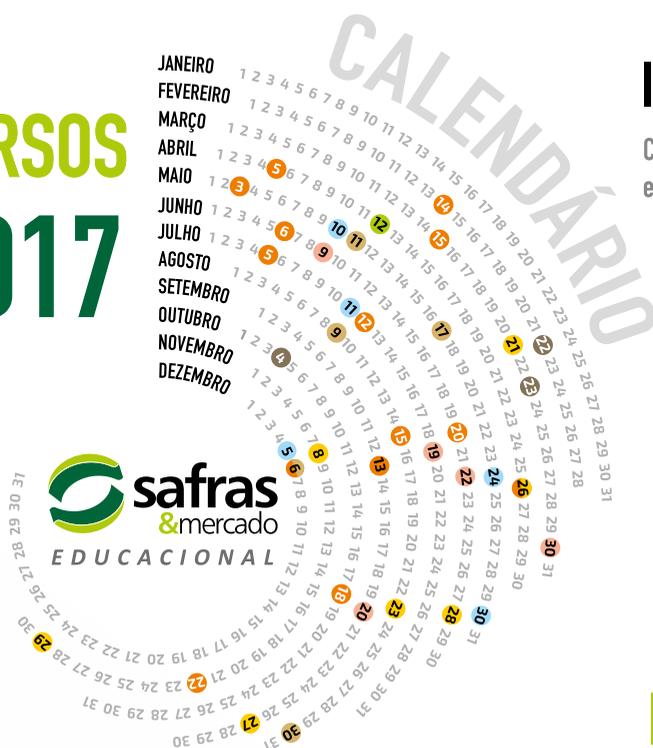
Castelo Branco - Sem a reforma do sistema atual, em poucos anos, a Previdência estará literalmente quebrada. Ou seja, não terá como assegurar o pagamento dos benefícios aos aposentados e pensionistas. Ao reduzir o déficit da Previdência, a reforma garantirá a sustentabilidade do sistema e o pagamento dos benefícios. Além disso, o déficit atual da Previdência foi um dos fatores do processo de desestabilização da economia e que inviabiliza a criação de empregos e de oportunidades de trabalho para as pessoas. Ao trazer o equilíbrio das contas públicas, a reforma da Previdência não beneficiará apenas os aposentados. Toda a sociedade ganhará,

porque o ajuste das contas públicas, associado a outras medidas de longo prazo que assegurem competitividade das empresas, o aumento da produção e dos investimentos, estimulará a criação de empregos e o crescimento da economia. Sem a reforma da Previdência, dificilmente conseguiremos sair da recessão.



“A MUDANÇA DEMOGRÁFICA, QUE ELEVOU A MÉDIA DE IDADE DA POPULAÇÃO BRASILEIRA, É A ORIGEM DO DESEQUILÍBRIO DAS CONTAS DA PREVIDÊNCIA”

CURSOS 2017



safras & mercado
EDUCACIONAL

Invista no seu conhecimento!

Conheça o calendário de cursos de SAFRAS & Mercado e prepare-se para os grandes desafios do agronegócio em 2017.

Trading School Milho e Soja

Comercialização de Soja e Milho

Análise Fundamental e Mercadológica de Trigo

Gestão Estratégica na Comercialização de Arroz

Gestão Estratégica na Comercialização de Café

Gestão Estratégica na Comercialização de Algodão

Gestão Estratégica na Comercialização de Açúcar e Etanol

Fone: (11) 3053-2736

Whatsapp: (51) 99190-2756

educacional@safras.com.br

Inscriva-se!

www.safras.com.br

f/safrasmercado

@safrasmercado

PIB





Um ano de baixo CRESCIMENTO

A virada na economia, se vier de fato, deverá ser caracterizada por retomada lenta e gradual, com índices variando entre 0,3% e 1,5%

Os indicadores econômicos divulgados no quarto trimestre do ano recém-terminado levaram mercados e instituições de pesquisa a revisar para baixo as projeções para 2017. O cenário passou a embutir a expectativa de crescimento modestíssimo, algo entre 0,3% a 1,5%, com desemprego ainda elevado e demanda deprimida. A queda da inflação e dos juros, o ajuste nos níveis de estoques das empresas e alguma redução no endividamento, entre outros fatores, incluindo a previsão de uma safra agrícola recorde, tendem a produzir cenário menos desfavorável do que em 2016.

Os líderes da indústria em Goiás dividem-se entre expectativas negativas, especialmente em função do prolongamento das turbulências na área política e das restrições ainda impostas à atividade econômica, e um certo otimismo bastante cauteloso. Na média das opiniões colhidas pela revista **Goiás Industrial**, as reformas prometidas pelo governo nas áreas fiscal, da Previdência e trabalhista seriam suficientes para recolocar a economia nos trilhos, embora essa não seja uma avaliação unânime. ►

REFORMAS PARA RETOMAR CRESCIMENTO

A economia brasileira atravessou, em 2016, um de seus piores anos, na avaliação do presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira. “A instabilidade política, a corrupção, a improbidade, a falta de ética, as altas taxas de juros, tudo isso contribuiu para chegarmos à situação atual e quem está pagando a conta é a população”, diz ele. “O Brasil fechou o ano com 12,0 milhões de desempregados e mais de 130 mil empresas fechadas, mostrando que trabalhadores e empresários devem se unir para buscar uma solução que permita retomar o crescimento”, acrescenta ainda.

Segundo ele, o Produto Interno Bruto (PIB) da indústria, em Goiás, encolheu 6,9% apenas no primeiro semestre de 2016, diante de retração de 5,2% na média do setor em todo o País, enquanto a produção industrial goiana sofreu baixa de 8,2%, superando a média brasileira, que apontou redução de 7,7%. “Foi o pior cenário das últimas décadas”, afirma Pedro Alves.

A situação presente recomenda urgência na adoção de reformas que promovam mudança de rota, deixando a crise para

trás. Na visão de Pedro Alves, um primeiro passo foi dado com a aprovação pelo Congresso da proposta de emenda constitucional que determina um teto real para a variação das despesas públicas. “Isso deve colocar uma trava nos gastos descontrolados da administração pública, visto que a população não suporta mais que os governos resolvam seus déficits de caixa com aumentos de impostos”, complementa ele.

Além da nova política fiscal, Pedro Alves defende a reforma da Previdência como um “mal necessário, pois, se não for feita, dentro de pouco tempo, o sistema não terá recursos para pagar os aposentados”.

Na área trabalhista, o presidente da Fieg argumenta que a atual Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) “inibe a geração de empregos”, mas sua reforma, contrapõe, “não poderá tirar direitos fundamentais e sim dar validade legal às convenções coletivas”. Ele considera “imprescindível dar força de lei para as rescisões laborais feitas com acompanhamento dos sindicatos dos trabalhadores”.

A partir da implantação dessas reformas, considera Pedro Alves, estariam criadas as condições para que o “Brasil retome o rumo do crescimento econômico com desenvolvimento social”.



“A população não suporta mais que os governos resolvam seus déficits de caixa com aumentos de impostos”

PEDRO ALVES DE OLIVEIRA, presidente da Fieg



■ **Apostas para o ano novo:** economia deverá experimentar alguma reação apenas no segundo semestre, mas desemprego continuará elevado



A crise na visão dos sindicatos



JAIR RIZZI, PRESIDENTE DO SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DO VESTUÁRIO DE ANÁPOLIS (SIVA)

Balanco 2016

“No ano de 2014, o setor têxtil e de confecção faturou US\$ 55,4 bilhões, contra US\$ 58,2 bilhões em 2013, refletindo a desvalorização do real e a queda da produção da indústria pelo quarto ano consecutivo. Ainda não temos os números de 2016, mas as perspectivas não são muito otimistas, dado ao cenário criado no País com a crise política e econômica. Foi um ano difícil para todos os setores da economia e não foi diferente para o segmento do vestuário, que ano após ano ainda continua sob a forte pressão das importações de produtos dos mercados asiáticos, além das dificuldades internas.

Para evitar demissões, as empresas têm reduzido margens de lucro e efetuado cortes nos investimentos, além de buscar mecanismos de melhoria de produtividade. Há um esforço grande para se garantir a empregabilidade no setor, porém, sem uma contrapartida de incentivos para que a indústria possa melhorar seu desempenho. Para se ter uma ideia, o último saldo positivo da balança comercial do setor ocorreu no ano de 2005. De lá para cá, se acumulam os déficits. Portanto, as exportações estão numa escala muito menor do que as importações. A China, hoje, detém mais de 70% do volume total importado de vestuário. Há dez anos, esta participação era na casa de 9%, conforme levantamento da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit).

Perspectivas 2017

“Para 2017, a expectativa do setor é de que o País possa recuperar a estabilidade econômica e a confiança interna e externa. E, também, ao mesmo tempo, recuperar a estabilidade política, que tem gerado muitas incertezas no ambiente dos negócios. Especificamente para o setor, duas reformas são fundamentais para que a indústria possa atravessar a crise e se fortalecer: a tributária e a trabalhista. Atualmente, há empresas atuando sob diversos regimes tributários. Uma das propostas defendidas pelo setor seria criar um regime de tratamento tributário diferenciado, com redução da carga tributária e simplificação de para o início das mudanças.

O País precisa dar estímulo para que o setor possa aumentar as exportações e combater as práticas nocivas da concorrência internacional e o mercado informal. Ou seja, é necessário valorizar a produção nacional. Temos uma cadeia produtiva forte, que gera muita riqueza para o País e renda e emprego para as famílias. Precisamos ser vistos com maior atenção e, para isso, é necessário que o nosso setor esteja cada vez mais unido para buscar o lugar de destaque que merece.”



BRUNO FRANCO BERALDI COELHO, PRESIDENTE DO SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE MATERIAL PLÁSTICO NO ESTADO DE GOIÁS (SIMPLAGO)

Balanço 2016

“O desempenho do setor de plásticos em Goiás sofreu com a piora do cenário econômico, com a redução dos volumes de vendas e com a destruição das margens. Com a retração de volume no mercado, concorrentes de outros Estados passaram a adotar estratégias de preços deteriorados para tentar manter seus volumes, o que nos obrigou em alguns momentos a entrar na briga para manter nossos clientes. Esta baixa de preços de venda, somada aos aumentos de custo que o setor precisou absorver, resultou na piora das margens de nossos negócios. As estratégias adotadas foram de melhoria da produtividade das empresas, reduzindo mão de obra interna e buscando alternativas de baixas de custo. Os investimentos foram praticamente paralisados em 2016.”

Perspectivas 2017

“Iniciaremos 2017 com um cenário de alta nos preços das resinas plásticas, o que exigirá um período de adaptação do mercado e muito trabalho das empresas do segmento para conseguir repassar o incremento em seus preços de venda. Ainda não conseguimos ter uma clareza do cenário econômico e, por isso, o segmento segue com muita cautela, ainda sem conseguir visualizar a necessidade de recontratar pessoal ou de retomar investimentos.

Pacotes recentemente divulgados pelo governo trouxeram mais esperança, mas ainda acreditamos que a retomada da economia se dará lenta e gradativamente. Esperamos melhores números para o segundo semestre, mas 2017 ainda deve ser um ano em que o segmento vai ‘andar de lado.’”



CARLOS ALBERTO MOURA, PRESIDENTE DO SINDICATO DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO NO ESTADO DE GOIÁS (SINDUSCON-GO)

Balanço 2016

“Tivemos um desempenho médio estável, com saldo positivo de empregos, registrando no acumulado do ano (de janeiro a outubro) na construção civil em Goiás 1.421 novos postos de trabalho. Também houve leve retomada dos lançamentos imobiliários. Nosso crescimento não foi vertiginoso, mas Goiás se manteve em posição melhor do que a média do País.

Após alguns meses sem lançamentos, dados da Pesquisa Mercado Imobiliário de Goiânia, realizada pelo instituto Grupom para a Associação das Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi-GO), registram o lançamento de 968 unidades em outubro, a melhor marca do ano, à frente do mês de junho, quando foram lançadas 845 unidades. Percebemos que as empresas do segmento mantiveram seus estoques equilibrados, planejando seus lançamentos estrategicamente.

Tivemos investimentos em infraestrutura em Goiás, em obras como das ferrovias Leste-Oeste e Norte-Sul, Aeroporto de Cargas, que geraram investimentos periféricos. Como medidas de ajuste, as empresas apenas postergaram investimentos, adequando-se às demandas do momento e em relação à mão de obra, tivemos uma redução, mas nada tão intenso como no restante do País.”

Perspectivas 2017

“Não acreditamos que teremos grandes mudanças no cenário

político-econômico no País. Mas a reforma previdenciária é extremamente importante e precisa ser discutida. Precisamos encontrar uma solução para que os aposentados não fiquem sem seus vencimentos no futuro. Temos grande expectativa com essa reforma e também com a reforma tributária. Temos em média uma carga tributária de 38%, desumana e que limita os investimentos em novas tecnologias, em novos projetos, em qualificação de mão de obra, em novos equipamentos. Precisamos de uma linha de crédito que permita ao setor produtivo realizar estes investimentos.

Também acreditamos que a proposta de austeridade das contas públicas promovida pelo governador Marconi Perillo irá contribuir com o equilíbrio e com o aquecimento da economia e da competitividade do Estado. A venda da Celg (*leia reportagem nesta edição*) resultou na disponibilização de um valor muito importante de recursos. Acreditamos no impacto positivo desses investimentos, que deverão ser direcionados a projetos prioritários.

Houve um levantamento das obras inacabadas no Brasil e em Goiás, por meio do qual será priorizada a finalização de obras paradas ou em andamento. Assim, acreditamos que teremos o direcionamento de recursos públicos representativos para Goiás, tanto de nível federal quanto estadual. Com o resultado da venda da Celg, também teremos mais recursos para investimento em infraestrutura. Confiamos que 2017 será um ano economicamente positivo.



HÉLIO NAVES, PRESIDENTE DO SINDICATO DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DO ESTADO DE GOIÁS (SIMELGO)

Balanço 2016

“O desempenho do segmento industrial metalúrgico, metalmeccânico e de material elétrico representado pelo Simelgo ficou muito aquém do que desejávamos ou gostaríamos de ver ao longo de 2016. Entretanto, podemos afirmar que não estamos entre os setores de pior desempenho, o que nos conforta, mas gostaríamos de estar em outro patamar. Tendo em vista estar em uma economia globalizada, muitas empresas do setor adotaram, a exemplo da maioria das empresas brasileiras, medidas indesejáveis, mesmo que a contragosto: demissões, fechamento de turnos, baixa na produção por falta de demanda, adiamento sine die em investimentos (expansão), dentre outras.”

Perspectivas 2017

“O segmento eletro-metal-mecânico tem grande interação com outros segmentos industriais e por isso está, dentro do possível, otimista

para 2017. Entendemos que há uma tendência natural de melhora da economia, apostamos piamente nisso e justificamos nossa posição por termos um novo governo com política que cria perspectivas de reformas estruturais, como a trabalhista, tributária e política, redução de gastos públicos, baixa nos juros e crédito mais acessível para o segmento produtivo.

Esperamos que, com a venda da Celg a uma empresa do ramo bastante conhecida e com a afirmação desta de que irá investir, a curto prazo, mais de R\$ 2 bilhões, sem sombra de dúvidas resolveremos um dos maiores problemas de Goiás, que é a falta de energia e/ou energia de péssima qualidade, o que nos leva a acreditar em significativa melhoria para o setor em 2017 e anos seguintes.

Para contribuir com o crescimento de nosso setor, o Simelgo também celebrou vários convênios neste ano, visando melhorias no desempenho de suas indústrias filiadas, além de realizar outras práticas, como cursos, palestras e workshops de interesse dos empresários.”



WILSON DE OLIVEIRA, PRESIDENTE DO SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO DE ANÁPOLIS (SINDALIMENTOS)

Balanço 2016

“O setor de alimentação teve bom desempenho em 2016. Apesar da crise política que tem afetado a economia brasileira desde 2014, o segmento continua crescendo. Entre alimentos e medicamentos, não existe crise. No entanto, há sim dificuldades enfrentadas pelas empresas devido ao cenário de incertezas produzido pela instabilidade econômica e política. Mas este é um cenário momentâneo e que pode ser superado com a união da sociedade.

O setor de alimentação tem procurado se ajustar ao momento atual, adotando cuidados que são normais quando a economia está em crise, com a adoção, por exemplo, de medidas para diminuir o impacto da alta carga tributária e atenção especial com o crédito, já que os juros continuam muito altos e daí a necessidade de se buscar linhas de financiamento mais atrativas, como as do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO), que oferece opções de prazos mais longos e juros menores. A Fieg, inclusive, vem liderando um movimento para sensibilizar as autoridades do País e a população em geral sobre a necessidade, urgente, de baixar a Taxa Selic, ou seja, a taxa básica de juros da economia.”

Perspectivas 2017

“A indústria de produtos alimentícios vai continuar crescendo e, para tanto, será necessário que as empresas continuem apostando em ferramentas de aumento de produtividade e inovação de forma a transformar a crise em mais oportunidades. O País precisa voltar os olhos para questões relevantes, como o baixo poder aquisitivo da população, a alta taxa de desemprego, a restrição ao crédito, sobretudo, para as pequenas empresas, que são grandes geradoras de postos de trabalho e de renda. Precisamos de juros menores e da expansão do crédito para fomentar as micro e pequenas empresas, que desempenham papel fundamental dentro da economia.

A classe empresarial precisa estar unida e fortalecida, pois o Brasil vem passando por muitas transformações e há necessidade de constante vigilância sobre as leis que tramitam no Congresso e que podem impactar negativamente o setor produtivo. O empresário tem de ter voz mais ativa neste período de mudanças que o País atravessa.”



ROBSON PEIXOTO BRAGA, PRESIDENTE DO SINDICATO DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DE ANÁPOLIS (SIMMEA)

Balanço 2016

“O ano de 2016 ficou, pelo menos, abaixo de 60%, em média, do que era esperado em termos de resultados para as empresas. Ou seja, a visão de cenário é negativa. Atravessar esse verdadeiro mar de dificuldades não foi fácil para as indústrias, que tiveram, em muitos casos, de provocar demissões, tendo em vista que a folha representa um componente de custo muito grande. Em decorrência disso, a produção cai e o corte de investimentos se torna inevitável. Neste último caso, ainda há o agravante das altas taxas de juros, que inibem os projetos de expansão. É um círculo vicioso: se a engrenagem da economia gira muito devagar, as empresas acompanham, pesando ainda o fato de que, nesta crise recessiva, com alto nível de desemprego, o consumo despenca.

Perspectivas 2017

“As perspectivas para 2017 também não são muito otimistas. A expectativa é de uma melhora, em torno de 20%. Nesta matemática, a avaliação ainda ficaria, por assim dizer, no vermelho. O setor metalme-

cânico tem sido muito afetado com a alta dos juros dos financiamentos públicos, principalmente, em relação ao Finame, uma linha de crédito que é ofertada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e operacionalizada por outros agentes financeiros. As taxas de créditos, que já oscilaram entre 2% a 7%, avançaram para em torno de 15% e, ainda, com prazo pós-fixado. Isso inibe qualquer empresário do ramo que necessite fazer um financiamento de máquinas, caminhões, dentre outros.

Se o BNDES praticar taxas de juros mais compatíveis e adotar o mecanismo de prazo pré-fixado, em relação ao Finame, o setor tem condição de dar respostas rapidamente à crise, pois depende muito desta linha de crédito para a logística dos negócios. Esta, portanto, seria uma mudança significativa para a retomada de confiança e o aumento da produção e da empregabilidade. Acredito ser fundamental, neste processo de recuperação econômica, que haja uma reforma para desonerar a folha de pagamento. A legislação trabalhista é onerosa e engessa nosso setor.”



MARÇAL HENRIQUE SOARES, PRESIDENTE EXECUTIVO DO SINDICATO DAS INDÚSTRIAS FARMACÊUTICAS NO ESTADO DE GOIÁS (SINDIFARGO)

Balanço 2016

“Nosso setor como um todo, desde o varejo, apresentou desempenho excelente se considerada a crise econômica que o País enfrenta. Sem considerar a crise, o desempenho foi a metade do esperado, que era um crescimento de 12% na venda de unidades produzidas. Diferentemente do que ocorre em outros segmentos, a indústria farmacêutica não lançou mão da demissão de trabalhadores. O setor industrial farmacêutico não pode demitir seus trabalhadores de uma forma simplificada porque os mesmos são muito treinados e capacitados dentro da empresa. Assim sendo, a última medida a ser adotada é a demissão desses colaboradores, mas ocorreram outras medidas, como a suspensão de investimentos, a redução de despesas, o aumento da produtividade e redução de preços em busca do market share e manutenção do efetivo contratado. Algumas empresas venderam ativos para evitar o endividamento oneroso e ter uma porta para obtenção de lucro maior.”

Perspectivas 2017

“Em relação a 2017, o setor não acredita numa recuperação rápida da economia para o primeiro semestre do ano. Se a economia estabilizar nos parâmetros que está e alcançar crescimento de 1% para o segundo semestre, poderemos ter aumento máximo de 5% nas unidades produzidas e manutenção dos preços médios comercializados, ou seja, sem crescimento nos lucros. Alguns fatores relevantes poderão influenciar positivamente a economia neste ano, dentre eles as reformas previdenciária e trabalhista, uma forte redução dos juros e a retomada do consumo.

No momento, não há empresas com planos de investimentos, assim como para o aumento de efetivo nas plantas. Porém, não há, também, planejamento de dispensa. Manteremos o turn over tradicional. Tentaremos crescer com aumento da produtividade e eficiência. Nosso maior impacto será nos custos e nos investimentos para o cumprimento do regulatório que nos traz novas obrigações bastante onerosas.”



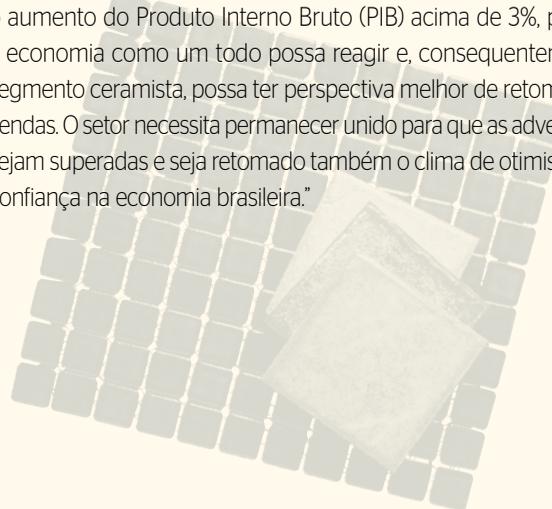
LAERTE SIMÃO, PRESIDENTE DO SINDICATO DAS INDÚSTRIAS CERÂMICAS DO ESTADO DE GOIÁS (SINDICER/GO)

Balanço 2016

“Em mais de 30 anos dedicados ao setor ceramista, jamais vivenciei um período de crise tão agudo como foi no ano de 2015 e, agora, ao longo do ano de 2016. O desempenho do segmento foi péssimo, devido aos reflexos da crise política que abate o País, refletindo-se sobremaneira na economia. Em face ao cenário sombrio da crise, as indústrias do setor foram levadas a adotar medidas amargas como demissões de trabalhadores e, conseqüentemente, redução da produção e contenção de novos investimentos. As empresas, para honrar compromissos, tiveram de abrir mão do lucro. Aliando-se a tudo isso, sobrevieram as dificuldades com a política de juros altos, aumento da capacidade ociosa e alta retração da demanda. Ainda como agravante, o setor foi muito impactado com a criação da APA do João Leite, ocorrida em 2010, tendo de sair de uma área de extração de 10 quilômetros para um raio de 50 a 60 quilômetros, o que acarreta a elevação de custos e perda de competitividade para as indústrias localizadas na região.”

Perspectivas 2017

“Se não houver uma resolução da crise política, dificilmente teremos alguma novidade boa para este ano. Além da superação da crise política, torna-se necessário adotar medidas que possibilitem o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) acima de 3%, para que a economia como um todo possa reagir e, conseqüentemente, o segmento ceramista, possa ter perspectiva melhor de retomada das vendas. O setor necessita permanecer unido para que as adversidades sejam superadas e seja retomado também o clima de otimismo e de confiança na economia brasileira.”



ELITON RODRIGUES FERNANDES, PRESIDENTE DO SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE ROCHAS ORNAMENTAIS DO ESTADO DE GOIÁS (SIMAGRAM-GO)

Balanço 2016

“Em 2016 o setor de rochas ornamentais teve o mesmo desempenho da construção civil, visto que nosso produto é um item que compõe o setor. Com a redução e retração de novas obras, tanto nas construtoras como na construção particular, o setor passou e ainda estará passando por uma seleção das empresas constituídas. Muitas fecharam, outras estão em fase de fechamento. As demissões giram em torno de 30% a 40% do grupo de funcionários nas que ainda estão se mantendo. No mercado são as que de alguma forma têm algum diferencial em clientes fiéis, bom atendimento, qualidade nos serviços, boa gestão nos custos, estrutura de melhor qualidade e principalmente quem tem ainda algum crédito.”

As empresas que sobreviveram tiveram de reduzir drasticamente os preços e com altas nos custos o lucro praticamente acabou, fazendo com que continuassem trabalhando para fazer a roda girar e não parar o negócio. O que ocasionou isso foi o desespero de muitas empresas com grande endividamento. A baixa dos preços para fazer caixa causou um efeito cascata em todo o mercado, levando muitas empresas à falência.”

Perspectivas 2017

“A economia do País vai começar a dar sinais de confiança nas pessoas e elas vão começar a colocar em prática seus projetos de construção. Eu não diria que isso vá ocorrer já em 2017 e sim daqui para a frente em função da busca de uma estabilidade política e econômica. Para finalizar, temos de tirar proveito de tudo que acontece tanto em nossas vidas como também o que acontece no nosso País. As dificuldades nos fazem ser mais astutos, cuidadosos com o que e como fazemos. Planejar melhor nossas receitas e principalmente nossas despesas para podermos continuar sobrevivendo com dignidade tanto na vida pessoal como profissional.”





■ **Safra recorde: aumento da produção agrícola neste ano ajudará a impulsionar a economia**

Mercado revisa projeções para baixo

Os mercados passaram a exercitar um otimismo cauteloso nos últimos meses, em substituição ao tom notadamente catastrofista observado durante meses a fio desde meados de 2014. Na prática, os “fundamentos” que continuam arrastando a economia numa recessão que parece não se esgotar ainda estão presentes, a saber, desemprego e queda da demanda das famílias, alto endividamento das empresas, estoques elevados, retração dos investimentos de forma geral, tanto no setor privado, quanto na área pública, redução na oferta de crédito e baixo crescimento ou queda dos volumes exportados na soma de todos os setores.

Esse cenário deixará herança pesada

para 2017, trazendo, na visão mais otimista entre os porta-vozes do mercado, no máximo um avanço de 1,5% para o Produto Interno Bruto (PIB) nos 12 meses deste ano. Mesmo assim, trabalhadores e classe média continuarão pagando o preço mais salgado, com o desemprego ainda crescente, perdas salariais e baixa oferta de empregos. Na média dos mercados, segundo o relatório Focus, do Banco Central (BC), as previsões para a economia em 2017 vinham murchando semana a semana, fechando em 0,5% às vésperas do Natal, depois de ter alcançado 0,98% quatro semanas antes.

O Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco (Depec), em seu cenário base, sugere retomada “gradu-

al” para o PIB em 2017, que tenderia a sair de retração esperada em 3,6% em 2016 para variação positiva de apenas 0,3%. A Rosenberg Associados, por sua vez, trabalha com a hipótese de avanço na faixa de 1%, mas projeta taxa de desemprego em torno de 12,4%. “A taxa de juros deve cair para algo em torno de 10% ao final do ano”, acrescenta Marcos Mollica, sócio da Rosenberg Investimentos. A equipe de economistas do Itaú BBA tem demonstrado visão levemente mais otimista do que a média do mercado, mas recentemente reduziu suas previsões para 2017, de incremento de 2% para variação, ainda positiva, de 1,5%. Da mesma forma, diante dos resultados piores trazidos pelos indicadores econômicos no terceiro trimestre do ano passado, recalculou suas previsões para 2016, passando a estimar retração de 3,3% diante de 3,2% na projeção anterior.

A Fundação Getúlio Vargas (FGV), por meio de seu Instituto Brasileiro de Eco-

nomia (Ibrc), que espera retração de 3,5% em 2016, reduziu pela metade sua projeção para a variação do PIB neste ano, baixando de 0,6% na estimativa de outubro do ano passado para 0,3% na previsão divulgada no começo de dezembro. Ao decompor as contas nacionais, o Ibre espera alta de 4,5% para a agropecuária, puxada pela safra recorde aguardada para este ano, na faixa de 213,0 milhões de toneladas, com elevação de 1,0% para a indústria em geral.

Nesta última área, o setor de extração mineral deverá amargar queda de 2,3%, depois de encolher 4,5% em 2016, enquanto a manufatura tende a avançar 0,9% (desempenho que vem na sequência de quedas de 10,4% em 2015 e de 5,8% em 2016), com elevação de 1,7% para a construção civil. Numa tendência até certo ponto inédita, quando comparada às recessões enfrentadas pelo País nas últimas décadas, o setor de serviços persistirá em queda, recuando 0,1% neste ano.

Pela ótica de demanda, o consumo das famílias tende à estagnação, com crescimento zero neste ano, de acordo com o

Ibre, depois de amargar perdas ao redor de 4% nos últimos dois anos. O consumo do governo e os investimentos, medidos pela variação da formação bruta de capital fixo, devem experimentar recuos de 0,5% e de 0,1% respectivamente – nos dois casos, este deverá ser o terceiro ano de números negativos. Como exceções, tanto as vendas externas quanto as importações tendem a crescer, pela ordem, 4,1% e 1,3%, denotando influência positiva das exportações líquidas sobre o PIB.

CRESCIMENTO ADIADO PARA O SEGUNDO SEMESTRE

A economia brasileira somente deverá engrenar marcha mais forte no segundo semestre e, ainda assim, será uma recuperação bastante lenta, na visão da Confederação Nacional da Indústria (CNI). “O ano de 2017 será caracterizado por um início ainda muito difícil”, afirma a entidade na edição especial de seu Informe Conjuntural - Economia Brasileira, divulgado em meados de dezembro passado. A recupera-



Robson Braga de Andrade:
“A expectativa da indústria é de que o governo acelere as reformas estruturais e restabeleça o equilíbrio da economia”

ção gradual da atividade econômica deverá ser impulsionada, ao longo da segunda metade do ano, pela queda da inflação e pela redução dos juros.

No cenário traçado pela CNI, a indústria terá expansão de 1,3%, com alta de 2,3% para os investimentos, embora as previsões continuem bastante negativas para o desemprego e para o consumo doméstico. No primeiro semestre, a ociosidade muito elevada no parque industrial instalado, superior a 22% em outubro de 2016, e as dificuldades financeiras enfrentadas pelas empresas e pelas famílias continuarão a amarrar a economia. “A expectativa da indústria é de que o governo acelere as reformas estruturais e restabeleça o equilíbrio da economia, abrindo o caminho para o País crescer de forma sustentada”, diz o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade.

Na visão do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco (Depec), que coincide parcialmente com aquelas apresentadas pelo Ibre e pela CNI, o cenário de “gradual retomada” apontado para o ano novo considera um “forte aumento da produção agrícola”, o que deverá elevar o PIB da agropecuária em 6%, no

Contas do PIB em 2017

(Variação em relação ao ano imediatamente anterior, em %)

| Sectores | 2015 | 2016 | 2017* |
|--------------------------------|-------|-------|-------|
| Agropecuária | -3,6 | -6,6 | 4,5 |
| Indústria geral | -6,3 | -3,8 | 1,0 |
| Extrativa | 4,8 | -4,5 | -2,3 |
| Transformação | -10,4 | -5,8 | 0,9 |
| Construção civil | -6,5 | -3,4 | 1,7 |
| Eletricidade e outros | -1,5 | 4,8 | 2,5 |
| Serviços | -2,7 | -2,5 | -0,1 |
| Consumo das famílias | -3,9 | -4,0 | 0 |
| Consumo do governo | -1,1 | -0,7 | -0,5 |
| Formação bruta de capital fixo | -13,9 | -10,4 | -0,1 |
| Exportação | 6,3 | 3,4 | 4,1 |
| Importação | -14,1 | -11,5 | 1,3 |

(*) Projeção
Fonte: FGV/Ibre

que tenderá a ser “a maior contribuição para o crescimento” para 2017. O PIB da indústria, no entanto, continuará anêmico, com variação de apenas 0,5%, com estabilidade para o setor de serviços. Pelo lado da demanda, prossegue o departamento, “a principal contribuição deve ocorrer pelos investimentos”, projetando crescimento de 2,5%, “a despeito do baixo nível de utilização da capacidade instalada”.

O lado mais negativo dos cenários desenhados pelo Bradesco é precisamente aquele que mais interessa àqueles que dependem de emprego para sobreviver, quer dizer, uns 102 milhões de pessoas que estão na força de trabalho, das quais 12,1 milhões estavam desempregadas no final de 2016, para um total de 166 milhões de brasileiros em idade de trabalhar. “A taxa de desemprego deve seguir em alta até meados do segundo semestre de 2017, o que nos leva a estimar que o pico do desemprego será de aproximadamente 13%”, adiantam os economistas do Bradesco. Para comparar, no trimestre encerrado em novembro de 2016, o desemprego havia alcançado 11,9% – taxa recorde na série histórica da nova Pesquisa por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC).

Três fatores para cima

O Itaú BBA sustenta suas apostas sobre três fatores que explicam em boa parte a crise em curso e que tenderão a contribuir para sua reversão mais à frente. Os preços anuais médios das commodities, que caíram 30% em 2015 e mais 7% em 2016, devem crescer 11% em 2017, numa elevação sustentada pela estabilidade na economia chinesa, “recuperação no preço do petróleo (reforçada pelo recente acordo entre os países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e a intenção do novo governo americano de implementar um programa de investimento em infraestrutura.”

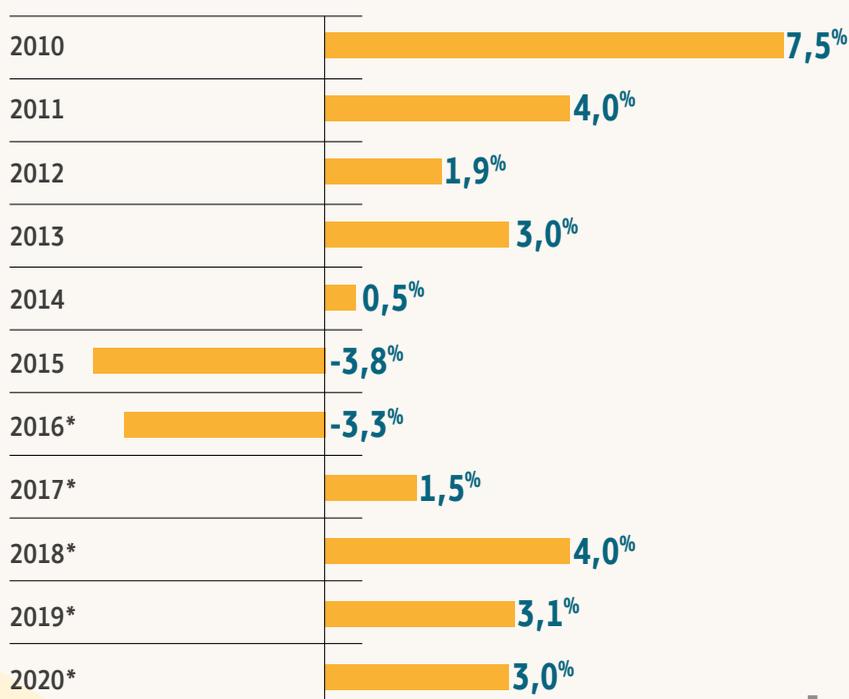
Aqui dentro, prossegue o banco de investimentos, os juros saltaram para 14,25% desde 2013 e tendem a recuar para 10% ao final do ano novo. A “alavancagem” (endividamento) das empresas, por fim, que saltou de pouco mais de uma vez o retorno antes de juros, tributos, amortizações e depreciações (Ebitda na sigla em inglês) entre 2007 e 2008 para mais de cinco vezes em 2015, recuou levemente para algo próximo a quatro vezes o Ebitda no terceiro

trimestre de 2016, excluídas as seis maiores empresas de capital aberto.

“Dessa forma, teremos algum alívio em três importantes fundamentos do crescimento. Um modelo simples nos mostra que a demanda agregada pode crescer até 1% em 2017”, arrisca o banco. Adicionalmente, prossegue a instituição, a normalização dos estoques deve contribuir positivamente para o PIB. ■

Projeções do Itaú BBA para a economia

(Crescimento real do PIB, em %)



(*) Estimativa
Fonte: Itaú BBA



Investimentos quatro vezes maiores

■ Carlo Zorzoli: projeções indicam crescimento entre 2,5% e 3,5% para a economia do Estado nos próximos três anos

Nova controladora da Celg Distribuição, Enel escolheu como prioridades investimento na qualidade do serviço, reforço e expansão de sua rede em Goiás

A economia goiana poderá crescer entre 2,5% e 3,5% nos próximos três anos, na projeção trabalhada pela Enel Brasil, que arrematou a Celg Distribuição no leilão realizado em 30 de novembro do ano passado. Para que o Estado consiga concretizar crescimento hoje ainda potencial, a subsidiária brasileira do grupo italiano Enel, que ostenta 65 milhões de clientes em todo o mundo apenas na área de distribuição, reservou US\$ 800 milhões, de acordo com Carlo Zorzoli, presidente do braço brasileiro do grupo, para investir entre este ano e 2019 com o objetivo declarado de solucionar os gargalos enfrentados pelas empresas goianas no setor de eletricidade.

Convertidos em reais, aqueles investimentos tendem a variar entre R\$ 2,56 bilhões e R\$ 2,79 bilhões, a depender da taxa de câmbio escolhida para o cálculo, tomando-se a cotação média do dólar no ano passado e seu valor no começo deste ano. Numa média aproximada, os planos do novo controlador da Celg D contemplam investimentos anuais entre R\$ 850,0 milhões a R\$ 930,0 milhões, em torno de quatro a quatro vezes e meia o valor médio investido anualmente pela distribuidora entre 2010 e 2015, na faixa de R\$ 208,2 milhões.

“As prioridades desse investimento vão ser a qualidade

do serviço, o atendimento à demanda reprimida, o que quer dizer colocar a eletricidade onde se precisa, com instalação de novas conexões e aumento da potência das conexões já existentes”, afirma Zorzoli. De acordo com ele, o grupo Enel dispõe de cardápio bastante amplo e diversificado de soluções financeiras “para garantir que a Celg tenha os recursos dos quais irá precisar de forma a assegurar a sustentabilidade e a viabilidade econômica da companhia, especialmente porque terá de enfrentar investimentos relevantes”.

A Enel Brasil arrematou a Celg D por R\$ 2,187 bilhões, um ágio de 28% em relação ao preço mínimo de R\$ 1,708 bilhão fixado pelo leilão ocorrido no final de novembro passado, o que já embutia um desconto de aproximadamente 36% em relação ao valor estabelecido para o primeiro certame, próximo a R\$ 2,672 bilhões. Além do desembolso, a empresa italiana assumiu obrigações estimadas em R\$ 2,656 bilhões, referentes à dívida líquida da distribuidora goiana. A operação foi homologada em dezembro pela diretoria do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que atuou na coordenação e no apoio técnico ao processo ▶



de privatização da companhia, conduzido pelo Ministério de Minas e Energia (MME), e liquidada em janeiro pela Enel Brasil. A próxima etapa incluirá a oferta de 5,09% das ações a empregados e aposentados da Celg D, equivalentes a R\$ 82,6 milhões, com 10% de desconto por ação. O novo controlador terá a obrigação de assumir eventuais sobras de ações, neste caso, numa fase que deverá estar concluída no máximo até o dia 17 de abril.

PARCERIA PARA O DESENVOLVIMENTO

“Nossa avaliação da Celg Distribuição é positiva, no sentido de que não compramos algo que pode não ser bom. Ofertamos o preço que acreditamos justo e compatível com nossa expectativa de retorno”, reforça Carlo Zorzoli, presidente da Enel Brasil. A avaliação feita pelo grupo italiano cobriu não apenas a empresa, mas a toda a economia do Estado, “que tem mercado muito promissor, economia diversificada e em crescimento, com um gargalo em distribuição de eletricidade”, observa Zorzoli.

Em sua visão, uma companhia de distribuição elétrica deve estabelecer parceria com o Estado onde trabalha e a Celg tem todo o potencial para “ser uma parceira do desenvolvimento de Goiás”. A distribuidora, comenta, dispõe de quadros técnicos competentes e um mercado promissor, mas precisava de um “acionista que pudesse dar liderança e os recursos de que necessita para atender ao seu mercado”.

Ele reconhece que a economia brasileira, de fato, enfrenta uma crise. Pondera, no entanto, que os “parâmetros econômicos de um país

de dimensões continentais, como o Brasil”, são dados por médias que refletem o desempenho de áreas com desempenho negativo e outras com desempenho positivo. “Acreditamos, em geral, que Goiás tem uma boa economia e claramente o investimento na Celg não é de curto prazo, mas de médio e de longo prazo.”

Como parte de um processo global de reposicionamento de sua marca, a Enel promoveu um “rebranding” de todas suas companhias, que ganharam nova denominação e logotipo, sempre fazendo referência à empresa mãe. No caso da Celg, a empresa passará a chamar-se Enel Distribuição Goiás, em data ainda não definida pelo novo controlador.

A Enel no Brasil e no mundo

Um dos maiores players globais do setor de energia elétrica e gás, com forte atuação na Europa e na América Latina e presença em mais de 30 países de cinco continentes, o grupo Enel possui capacidade instalada de quase 89 gigawatts e uma rede de distribuição de eletricidade e gás de praticamente 1,9 milhão de quilômetros.

No País, a Enel opera em geração e distribuição de energia por meio da Enel Brasil e suas subsidiárias, a Enel Distribuição Rio (antiga Ampla) e a Enel Distribuição Ceará (antiga Coelce), que atendem em conjunto perto de 7 milhões de clientes, respectivamente nos Estados do Rio de Janeiro e do Ceará.

No setor de geração convencional de energia, o grupo controla ainda a Enel Geração Fortaleza, uma usina termelétrica com cerca de 327 MW de capacidade instalada no Ceará, e está presente no setor de geração renovável de energia, por meio da Enel Green Power Brasil Participações. Sua capacidade total instalada soma 648 MW, distribuídos entre 401 MW de energia eólica, 12 MW de energia solar fotovoltaica e 235 MW de energia hidrelétrica. Em fase de execução, a Enel investe em projetos eólicos, com capacidade estimada em 442 MW, e 807 MW na área de geração solar. Por meio da Enel Green Power Cachoeira Dourada, a companhia também opera hidrelétrica de 658 MW em Goiás, na área de atuação da Celg. ■



Diretores da Enel Brasil na Fieg: Carlo Zorzoli, presidente; Márcia Sandra, diretora de Mercado; José Nunes, diretor de Relações Institucionais; e Guilherme Brasil

Alex Malheiros

Tributo aos exportadores GOIANOS

Encontro na Casa da Indústria reúne empresários do Estado que se destacam nas exportações

Em encontro destinado a fazer um balanço da política de comércio exterior praticada em Goiás e traçar metas para os próximos anos, o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, e o governador Marconi Perillo reuniram empresários do Estado que se destacam nas exportações, durante jantar na Casa da Indústria, dia 23 de janeiro.

O Estado auferiu, em 2016, superávit no comércio exterior no valor de 3,28 bilhões de dólares – R\$ 10,4 bilhões, em números atuais. Superintendente executivo de Comércio Exterior da Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SED), William O'Dwyer lembrou que, há 36 meses, a balança comercial está com saldo positivo. “A Fieg tem sido o maior parceiro do Governo de Goiás”, ressaltou O'Dwyer.

Ele fez uma análise da importância da prospecção de novos mercados, liderada por Marconi Perillo em conjunto com os empresários, e citou algumas das empresas que abriram canais de vendas fora do País. “A Alca Foods, de Itumbiara, está colocando cereais matinais nas mesas do mundo todo. O Grupo Jalles Fontoura conseguiu colocar na Holanda e na Áustria toneladas de açúcar orgânico. Na área de couros e sapatos, o empresário Flávio Ferrari tem colocado suas botas típicas em vários países. A Sotrigo tem exportado farinha de trigo para toda a América Latina”, enumerou. “Isso fez com que Goiás se tornasse hoje um Estado muito competitivo. Jamais poderão ignorar que o comércio exterior é uma das alavancas mais importantes e para o crescimento e o sucesso do Estado de Goiás”, declarou.

De acordo com o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, a liderança do governador Marconi Perillo na busca de novos mercados, de mãos dadas com o empresário goiano, abre portas e promove os produtos goianos



■ Marconi Perillo e Pedro Alves recebem exportadores goianos na Casa da Indústria

em dezenas de países. “As ações do governador têm trazido bons resultados para o Estado”, declarou o presidente.

O governador agradeceu o empenho do presidente da Fieg nas parcerias com o governo estadual em participar das prospecções de investimentos para Goiás e na abertura de novos mercados. Lembrou também da importância do trabalho do presidente anterior, Paulo Afonso Ferreira, que hoje integra a Confederação Nacional da Indústria (CNI), neste trabalho. “Pedro e Paulo são os dois ‘apóstolos’ da indústria goiana”, observou.

Diretor-superintendente do Sebrae Goiás, Igor Montenegro apontou para o fato de a economia do Estado, com o fortalecimento das exportações promovido pelo governo estadual, “ter crescido vertiginosamente”. Lembrou a maneira com a qual o empresário José Garrote, presidente da Só Frango, iniciou as vendas para o mercado externo e hoje se tornou um dos maiores exportadores de carne de frango do Brasil. ■

Alex Malheiros



Estradas melhoram. Mas nem tanto

Mas percentual de estradas em condições regulares, ruins e péssimas ainda é elevado no Estado, chegando a 62,3%, frente a 58,2% no País

As condições das rodovias goianas, incluindo as malhas federal e estadual, têm registrado melhoras nos últimos anos, mostra a Pesquisa CNT de Rodovias, realizada anualmente pela Confederação Nacional do Transporte (CNT). No entanto, permanece elevado o percentual das estradas consideradas regulares, ruins e péssimas, superando a média registrada para todo o País.

Segundo a edição do ano passado da pesquisa, que há duas décadas monitora a malha rodoviária brasileira, em torno de 62,3% das rodovias goianas apresentavam

algum tipo de deficiência, seja no pavimento, na sinalização ou na geometria da via, contra índice de 58,2% no País. No outro extremo, em ótimas e boas condições, o percentual chegava a 37,7%, abaixo dos 41,8% observados para o Brasil inteiro.

O cenário já foi mais grave, com números muito piores e num período nem tão distante assim, o que sugere um incremento dos investimentos públicos e privados (já que parcela da rede viária federal em Goiás encontra-se sob concessão privada). Em 2013, a pesquisa da CNT



■ **Estradas goianas:** mais de 84% das vias sob gestão estadual ainda apresentam algum tipo de deficiência

Fotos: Alex Malheiros

apontava deficiências em graus diversos para 72,4% das rodovias e apenas 27,6% foram consideradas em ótimas e boas condições.

Levando em conta os diferentes formatos de gestão, ainda em 2016, as rodovias sob regime de concessão apresentavam condições mais favoráveis, com percentual de 65% para ótimas e boas e 35% para aquelas com algum tipo de deficiência. A rede sob gestão pública registrava 31,8% em condições boas e ótimas, mas 68,2% tinham problemas de gravidade variável entre regular e péssima, saindo, respectivamente, de 27,6% e de 72,4% em 2013. Naquele ano, ainda não havia trechos rodoviários no Estado explorados pela iniciativa privada.

As rodovias estaduais registram igualmente evolução positiva, ainda que as deficiências continuem a preocupar o setor produtivo, encarecendo os custos de transportes e afetando de forma negativa

a competitividade da produção estadual. Em 2013, apenas 0,6% das estradas sob controle da administração estadual podiam ser consideradas ótimas e boas e nada menos do que 99,4% delas estavam regulares, ruins e péssimas. Nos três anos seguintes, depois de investimentos e inversões financeiras de quase R\$ 2,98 bilhões

(dos quais R\$ 2,38 bilhões injetados pelo Programa Rodovia), houve melhoras especialmente nos trechos que ligam a capital ao restante do Estado.

No geral, 15,7% da malha estadual passaram a ser classificadas entre aquelas em boas e ótimas condições no ano passado, saindo de apenas 5,3% em 2015. ►

Condições das rodovias em Goiás

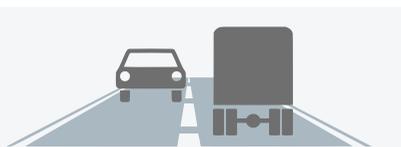


| Período | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 |
|---------|-------|-------|-------|-------|
| Ótimo | 1,4% | 6,7% | 13,8% | 5,5% |
| Bom | 26,2% | 30,2% | 21,2% | 32,3% |
| Regular | 38,8% | 44,5% | 37,6% | 34,7% |
| Ruim | 25,8% | 12,9% | 20,0% | 21,6% |
| Péssimo | 7,8% | 5,7% | 7,4% | 5,9% |

Fonte: CNT

O percentual das estradas estaduais em condições regulares, péssimas e ruins, por sua vez, baixou para 84,3% em 2016, diante dos 94,7% anotados no ano anterior. Os números mostram que ainda há um longo caminho a percorrer, especialmente quando se considera que 63,9% das estradas que cortam o Estado e que apresentam alguma deficiência estão sob gestão estadual.

Na avaliação da Agência Goiana de Transportes e Obras (Agetop), a melhoria registrada pela pesquisa da CNT teria sido alcançada a partir da “execução de serviços/obras do Rodovida Manutenção, um dos quatro projetos da agência no programa Goiás Mais Competitivo”. A condição de tráfego nas rodovias estaduais, prossegue nota divulgada pela agência, “é um item importante para a competitividade da economia estadual”. Jayme Rincón, presidente da Agetop, considerou o dado “satisfatório” e creditou os resultados aos “serviços de conservação nas rodovias de Goiás” realizados pela agência.



Investimentos públicos em transportes no Estado

(Dados em R\$ milhões)

| Período | Valores pagos |
|-------------|-----------------|
| 2013 | 832,02 |
| 2014 | 1.372,23 |
| 2015 | 663,14 |
| 2016 | 112,22 |
| Soma | 2.979,61 |

Fonte: Goiás Transparente

Menos recursos para o setor de transporte

As dificuldades fiscais do Estado e o ajuste em curso fizeram desabar, no ano passado, os investimentos do setor público

estadual em transportes, acompanhando a tendência observada para os valores totais investidos, ainda que os recursos destinados à manutenção de rodovias tenham se mantido relativamente estáveis em valores nominais.

Segundo dados do portal Goiás Transparente, o investimento em transporte sofreu corte de 83% no ano passado, caindo de R\$ 663,137 milhões em 2015 para R\$ 112,222 milhões, considerando os valores pagos. Para comparação, em 2014, esse tipo de investimento havia somado R\$ 1,372 bilhão. Ainda de acordo com o portal, os recursos gastos com manutenção de estradas, como parte do Rodovida, variaram de R\$ 166,117 milhões em 2015 para R\$ 165,390 milhões no ano seguinte, mas abaixo dos R\$ 257,731 milhões pagos em 2013.

Oito vezes mais dinheiro para duplicações

Os números oficiais da Agetop mostram gastos mais gordos, num total de R\$ 213,485 milhões, destinados a obras de reconstrução, melhoramentos e manutenção em vias pavimentadas e não pavimentadas, numa extensão de 316,6 quilômetros. Entre janeiro e novembro, apenas os trabalhos de manutenção consumiram R\$ 194,485 milhões.

Já a duplicação, que consumiu recursos de R\$ 69,863 milhões em 2015 e de quase R\$ 33,815 milhões no ano passado (numa queda de 51,6%), deverá receber quase oito vezes mais recursos neste ano, prevendo-se R\$ 267,807 milhões necessários para a conclusão das obras nas rodovias GO-070 (Itauçu à cidade de Goiás), GO-080 (Nerópolis à BR-153) e GO-213 (Morrinhos a Caldas Novas).

Pela ordem, cada um daqueles trechos deverá receber, caso o Estado disponha de recursos para isso, R\$ 101,086 milhões, em torno de R\$ 69,580 milhões e aproximadamente R\$ 97,142 milhões. ■



■ **Investimentos:** obras de duplicação de rodovias deverão receber injeção de R\$ 267,8 milhões neste ano, quase oito vezes mais do que em 2016



Xarás João Victor (esquerda) mostram o Plastisseiro ao preparador físico Márcio Atalla (de preto), na Olimpíada do Conhecimento, em Brasília

O mundo do trabalho é aqui

Escolas Sesi realizam ações que promovem conhecimentos, competências e habilidades fundamentais para a busca do primeiro emprego ou empreendedorismo

Daniela Ribeiro

Fotos: Miguel Ângelo/CNI, Alex Malheiros e Daniela Ribeiro

Aos 17 anos, João Victor Quintanilha e João Vítor Barbosa têm em comum muito mais do que o nome e a idade, a origem humilde, o gosto pelas ciências, por causas ambientais e sociais. Alunos egressos do EBEP (Educação Básica articulada com Educação Profissional) do Sesi e do Senai Vila Canaã, em Goiânia, onde fizeram simultaneamente o ensino médio e a qualificação – o curso técnico em processos gráficos –, eles já acumulam, nos respectivos currículos, experiências que lhes possibilitam diferencial na busca de uma carreira profissional ou do empreendedorismo.

A mais nova delas começou em janeiro, quando embarcaram para os Estados Unidos, onde vão participar, em Nova York, do programa de inverno da Saint Bonaventure

University, além de passagem por Washington, tudo custeado por bolsa de intercâmbio que inclui passagens de ida e volta e hospedagem. Capacidade empreendedora, conhecimento científico e fluência em inglês foram fatores decisivos para a escolha deles na seleção. João Victor Quintanilha já havia sido contemplado, em novembro de 2016, com bolsa de estudos do Programa Cientista Beta. Durante um ano, ele terá acompanhamento de um mentor, aulas de inglês e orientações para conseguir vaga em universidade nos EUA.

Plastisseiro, experiência sustentável

O empreendedorismo dos jovens foi evidenciado no desenvolvimento do projeto Plastisseiro, um traveseiro feito com copos e sacolas plásticas em substituição à espuma, premiado no Torneio de Robótica First Lego League. A experiência, também destacada nacionalmente com o 4º lugar entre 21 projetos no Inova Senai, despertou atenção por suas características de sustentabilidade.

O Plastisseiro já foi apresentado na Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos de Goiás, na Olimpíada do Conhecimento, em Brasília, e até na sede do Google, em São Paulo. No momento em que o Brasil discute ►

mudanças na forma de ensinar, a trajetória dos meninos simples é apenas um dos exemplos de que o investimento feito pela instituição do Sistema Fieg na melhoria da qualidade da educação gera bons frutos. O projeto deles propõe a reutilização de sacolas plásticas e copos descartáveis para produção de travesseiros, almofadas e posteriormente estofados. O processo envolve a trituração das sacolas e copos, utilizados em seguida em substituição a espumas nos travesseiros tradicionais. Para fazer um travesseiro, os estudantes trituraram, em uma máquina específica para isso, 139 copos plásticos e 340 sacolas.

Educação para o mundo do trabalho

Para combater a falta de mão de obra qualificada, problema crônico agravado por uma educação básica de má qualidade no País, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) criou, em 2013, o Programa Educação para o Mundo do Trabalho. Por meio de ações de curto e médio prazo, o projeto incentiva o desenvolvimento de iniciativas que propiciam os conhecimentos, as competências e as habilidades fundamentais para o mercado, tudo isso pensando no desenvolvimento pessoal de cada um como cidadão e agente produtivo.

A robótica, inserida na grade escolar das unidades do Sesi Goiás desde 2013, é uma das práticas que vêm possibilitando resultados positivos ao envolver alunos e professores com conteúdos como física, química, português, biologia e matemática. A busca de aprendizagem com mais inovação, criatividade e raciocínio lógico é estratégica para incentivar alunos a optar por carreiras nas áreas de engenharia e tecnologia, com grande demanda na indústria. “A gente fala robótica, mas é muito mais que isso. Trabalhamos com ações sociais e científicas que fazem com que enxerguemos o mundo de forma diferente. Aprendemos a trabalhar em equipe e a inovar. Inspiramo-nos a ir muito além,” explica

João Victor Quintanilha.

Aluno exemplar que qualquer escola gostaria de ter, ele diz que não trocaria o Sesi por outra instituição. “Se tivesse de escolher, com certeza ficaria no Sesi. Foi aqui que eu aprendi a sonhar, a não cair no conformismo e a ter esse espírito engajado, o que tem feito toda diferença na minha vida.”

O outro João Victor (Barbosa) acrescenta que as experiências que viveu no Sesi e no Senai o prepararam para a vida. “Aqui você aprende a não se preocupar só com o vestibular. Sempre falamos que somos preparados para a vida, para o mundo, para o mercado de trabalho e para as relações que teremos no futuro.”

"SORRIA, VOCÊ (NÃO) ESTÁ SENDO FILMADO!"

Um freezer cheio de picolés no pátio da escola. Ao lado, uma urna para que o próprio estudante coloque o dinheiro para pagar o produto. Sem câmeras e ninguém por perto para monitorar, o aluno é desafiado a ser honesto. A iniciativa faz parte do Projeto Pela Ética e Combate à Corrupção, realizado na Escola Sesi Sama, em Minaçu, que abriga 750 alunos dos ensinos fundamental e médio. Em agosto de 2016, primeiro mês da iniciativa, a “taxa de esquecimento” foi de 20%. Nos meses seguintes, após palestras de sensibilização, o índice caiu e chegou a 3% em novembro do ano passado.

Coordenadora da unidade do Sistema Fieg, Priscila Fernandes conta que o projeto faz uma reflexão sobre a cultura da corrupção que atinge o País. “É dever da escola promover a formação e, também,



■ **Pela ética:** alunos da Escola Sesi Sama, em Minaçu, ao lado do freezer com picolés e da urna para pagamento

fomentar a cultura da ética, cuja extensão se amplia para os âmbitos familiar e comunitário, estabelecendo um novo paradigma cultural”, complementa.

Os estudantes da unidade abraçaram a causa e muitos deles se tornaram “fiscais” da iniciativa do pegue-e-pague. Isadora Manzan, de 14 anos, diz que a ação vai deixar marcas na vida dela para sempre. “Trazer a realidade do mundo para dentro da escola é preparar a gente para o mundo.”

Ser honesto nas pequenas coisas

“Temos de ser honestos com as pequenas coisas. Quem tem coragem de pegar um picolé sem pagar pode ter coragem de pegar algo muito mais valioso. E o projeto fez com que mais gente tivesse essa consciência”, diz Yuri de Oliveira, de 15 anos.

Como a maioria dos alunos do Sesi Sama é formada por trabalhadores da mineradora que dá nome à escola, a indústria entrou na campanha e financiou o material usado no projeto. Coordenadora de Programas Sociais e Sustentabilidade da empresa de extração da fibra mineral crisotila, Cilene Bastos explica que toda ação feita na escola tem efeito direto dentro das casas dos funcionários. “As crianças



■ **Guilherme Rocha:** “Aprendi brincando. Consegui entender muito melhor as matérias que eu tinha dificuldade, como química”



■ **Carlos Daniel:** “Como seria bom se todas as disciplinas fossem ensinadas de maneira leve e divertida”

levam para casa tudo que aprendem na sala de aula e a Sama investe nessa causa por refletir em nossos colaboradores e na imagem e credibilidade de nossa marca.”

PARA IR ALÉM DA TANGENTE, DO SENO E DO COSSENO

O Sesi Jundiá, de Anápolis, foi a primeira escola em Goiás escolhida para receber o projeto Arte com Ciência, método educacional que inclui a produção de conteúdos multimídias para estimular o interesse dos jovens por ciências. No projeto piloto, 36 alunos participaram de oficinas de capacitação para registro, edição e publicação de conteúdos digitais. Um laboratório com computadores, câmeras e microfones foi montado no colégio para que os alunos pudessem produzir curta-metragens.

Temas de sala de aula, como tangente, seno, cosseno e romantismo, foram trabalhados por meio de roteiros criativos. Depois de pronto, o material foi compartilhado com os outros alunos da escola. A primeira turma de participantes se torna multiplicadora e passa adiante o conhecimento adquirido.

Guilherme Rocha, de 15 anos, planeja ser ator e, por isso, foi escolhido para atuar nos vídeos produzidos durante as oficinas. “Aprendi brincando. Consegui entender muito melhor as matérias que eu tinha dificuldade, como química”, relata.

A maneira fácil de aprender também chamou atenção de Carlos Daniel Silva, de 15 anos. “Como seria bom se todas as disciplinas fossem ensinadas de maneira leve e

divertida. A gente aprenderia muito mais e poderia levar o conhecimento para a vida fora da escola.”

PROJETO DE ROBÓTICA REDUZ MORTANDADE DE PEIXES

Com um projeto para reduzir a mortalidade de peixes provocada pela eutrofização (enriquecimento de nitrogênio e fósforo nos ambientes aquáticos) na água por meio da semente da Moringa oleífera, conhecida como acácia-branca, alunos integrantes da Equipe Gametech Canaã, de Goiânia, conquistaram o

bicampeonato da Etapa Centro-Oeste do Torneio de Robótica First Lego League (FLL). Em 2º lugar, ficou o time Gamers Vitae, do Sesi Catalão, e em 3º, a Robots, da Escola Sesi Canaã, de Goiânia. Das oito equipes classificadas para a etapa nacional, prevista para março de 2017, em Brasília, seis são do Sesi Goiás. ■



■ **Equipe Gametech Canaã** comemora bicampeonato na Etapa Centro-Oeste do Torneio de Robótica

Você tem medo de quê?

Currículo e entrevista de seleção são as principais preocupações dos jovens na hora de enfrentar o mundo profissional, revela pesquisa do IEL Goiás

.....
Célia Oliveira (texto e fotos)

Cartões de visita da carreira profissional, o currículo e a entrevista de seleção estão entre as maiores preocupações dos jovens na busca do primeiro emprego. É o que revela pesquisa inédita realizada pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás) sobre o jovem e o mercado de trabalho (veja quadro na página 32). De 278 estudantes entrevistados durante o Fórum IEL de Carreiras, em setembro, 41% admitiram ter dúvidas em relação à inserção no mercado de trabalho.

O resultado da pesquisa confirma a opinião de especialistas em carreira profissional e mercado de trabalho de que um currículo bem feito facilita o caminho para conseguir entrevistas e ajuda a orientar os recrutadores. No sentido inverso, é grande a possibilidade de o can-

didato ser descartado previamente. Afinal, a primeira impressão é que fica.

“Tanto o currículo quanto a entrevista são importantíssimos para o processo seletivo”, afirma a consultora em Gestão de Pessoas, Fernanda Macchin.

Numa conceituação mais direta, ela explica que o currículo é uma ferramenta escrita para uma apresentação, enquanto a entrevista constitui a oportunidade de o entrevistador levantar competências técnicas e comportamentais do candidato. “Os jovens sentem-se inseguros e duvidosos a respeito desses pontos porque os mesmos fazem parte do processo seletivo, hora de serem avaliados pelas experiências práticas e por conceitos de conduta.”

PROVA DE FOGO

A gama de informações que o jovem deve apresentar em um primeiro instante quando se fala em mercado de trabalho, de fato, é considerável para quem não está totalmente preparado para essa verdadeira prova de fogo. “O momento provoca certa ansiedade por se tratar de uma transição”, retoma Fernanda.

A consultora lembra que o jovem deve se preparar e tomar de frente esse desafio, buscando sanar dúvidas junto a pessoas que considera fontes seguras para orientá-lo, adicionando pesquisas e dicas.

O estudante Raifran Ferreira, que já faz

“**Não existe uma receita para entrar no mercado de trabalho de forma que contrarie os preceitos atuais nem os requisitos definidos e norteadores de uma seleção. O mais importante é se preparar.**”

FERNANDA MACCHIN, consultora



estágio, é um dos que carregam dúvidas sobre o currículo, que precisa mostrar foco e segurança nas informações. “O que mais me preocupa é esse documento, pois não tenho a oportunidade de me expressar verbalmente, quando aí tenho mais forças.”

A consultora Fernanda Macchin reforça que o currículo é o cartão de visita profissional. “O primeiro contato do entrevistador com o candidato, e a primeira impressão é muito importante.”

Já o estudante Marcos Aurélio de Oliveira integra as estatísticas dos que se preocupam com a entrevista. Na tentativa de amenizar os impactos, ele conta que recorre a uma pesquisa prévia não somente de informações sobre a empresa para a qual apresentou o currículo, mas de como se proceder nesse momento. “Sempre busco conhecer a empresa antes da entrevista para eu analisar o que posso oferecer.”

Para esse caso, a dica da consultora é aproveitar o momento para se vender, falar de seus objetivos profissionais, pontos fortes e como isso pode auxiliar no cotidiano dentro da empresa.

VIVER COM AS REVIRAVOLTAS

É sabido que o jovem almeja e busca sua inserção no mercado de trabalho desde sempre, independente das características e especificidades de cada tempo da história humana. Porém, muitas vezes isso não é tão simples ou fácil.

Uma fase da vida chamada de amadurecimento, marcada pelo rompimento do conforto da vida familiar para o mercado de trabalho, pode gerar nos jovens inseguranças, dúvidas, medos, um descompasso de energia, etc.

A juventude inexperiente e ávida por chegar ao mundo profissional inegavel-



■ **Raifran Ferreira:** preocupação com o currículo, força na entrevista



■ **Marcos Aurélio:** pesquisa prévia sobre a empresa e preparação para a entrevista



“**As empresas avaliam e valorizam as competências técnicas e comportamentais. Estar interessado em aprender e buscar respostas às dúvidas é estar munido para as reviravoltas.**”

MARGARETH OLIVEIRA, psicóloga

mente sustenta ansiedades e preocupação, afinal esse será seu lugar no futuro.

Além do currículo e da entrevista, as premissas requisitadas para esse mundo, o mercado de trabalho sempre foi alvo de extensas reflexões que vão dos impactos das novas tecnologias às recentes reviravoltas que atingem os jovens, em destaque.

De acordo com a psicóloga Margareth Oliveira, a inserção do jovem no mercado de trabalho tem se tornado especialmente difícil devido à retração econômica, que reduziu postos de trabalho, e para compli-

car um pouco mais, “nesse meio, o jovem concorre com profissionais experientes que tentam novas colocações.”

Para ela, o jovem necessita dedicar-se, ter força de vontade e, principalmente, dar continuidade ao aprendizado. “Aliado a isso, o jovem precisa lidar com o medo e com a insegurança, pois o ambiente de trabalho exige posturas e respostas.”

Em relação a essas reviravoltas, tanto Raifran quanto Marcos Aurélio não fogem dos desafios. Apesar das respectivas dúvidas – currículo e entrevista –, os dois estagiários sabem que qualificação e concorrências são mais duas premissas intrínsecas ao mercado de trabalho. “Estamos vivendo uma realidade em que o mais forte sobrevive e a cada dia temos de inovar”, reconhece Raifran.

Diante da complexidade do cenário, Marcos Aurélio encara os desafios. “Não é possível correr das mudanças, temos de nos adequar ao máximo.”

Na opinião de Margareth Oliveira, falar do tema não significa colocar mais lenha ao fogo nem aumentar a ansiedade dos jovens, mas sim “é uma forma de trazer mais informação, mostrando uma situação que é real e apresentar dicas de como o jovem pode melhor se preparar para os desafios impostos pelo mercado de trabalho.”

O jovem e o mercado de trabalho

41% têm dúvidas.



Fonte: IEL Goiás
278 entrevistados/
setembro 2015

Destes:

44% sobre currículo

30% sobre entrevista

23% informação técnica

3% outras



9 Dicas para o currículo

- ▶ Facilite contato com o entrevistador (informe o e-mail, telefones)
- ▶ Defina seu objetivo de acordo com suas metas
- ▶ Elabore um arquivo de forma clara, sucinta e organizada
- ▶ Descreva suas principais competências e habilidades
- ▶ Não coloque foto, exceto se for solicitado pela empresa
- ▶ Cuidado com erros ortográficos, gírias e abreviações
- ▶ Não minta na elaboração do currículo
- ▶ Atualize os dados sempre que necessário e de acordo com a vaga desejada
- ▶ Seja específico ao colocar datas de início e fim do período de trabalho/estágio



9 Dicas para a entrevista

- ▶ Pesquise sobre a empresa antes de ir para a entrevista
- ▶ Vista-se de acordo com a empresa
- ▶ Não chegue atrasado
- ▶ Aja sempre com naturalidade e fale sempre a verdade
- ▶ Olhe o entrevistador nos olhos, isto transmite veracidade nas informações
- ▶ Respostas monossilábicas devem ser evitadas
- ▶ Seja objetivo e claro
- ▶ Saiba seus pontos fortes e de melhoria; você será perguntado
- ▶ Não tenha pressa. Ficar olhando no relógio não causa boa impressão



■ **Cristiane Freire Câmara**, formada em administração, alia conhecimentos do curso de costura para criar grife de moda

Costurando futuros

Senai e Fundação Hermann Hering levam capacitação em costura industrial em malha a cidades do interior

Janaina Staciari e Corrêa (texto e fotos)

Com cerca de 50 alunos capacitados em Bom Jardim de Goiás e Iporá, na Região Oeste Goiano, entre outubro de 2016 e fevereiro de 2017, o projeto A Arte de Costurar continua suas ações este ano, quando deverá atender mais 90 pessoas, em turmas distribuídas em outras duas cidades goianas e uma em Santa Catarina. A iniciativa, desenvolvida pela Fundação Hermann Hering em parceria com o Senai, com apoio das prefeituras municipais onde a ação é realizada, busca ampliar oportunidades de acesso ao trabalho formal e geração de renda por meio de capacitação em costura industrial em malha.

“A oferta de capacitação técnica desenvolve conhecimentos, habilidades e atitudes que inspiram os participantes a se tornar empreendedores ou a construir oportunidades para assumir vagas de trabalho em costura industrial”, afirma a

gestora da Fundação Hermann Hering, Amélia Malheiros.

É o caso de Cristiane Freire Câmara, formada em administração e aluna do curso de costureiro industrial. Recém-chegada a Iporá, ela pensa em aliar os conhecimentos adquiridos na faculdade e na capacitação para montar sua empresa. “O curso foi uma coisa que me incentivou a sonhar em criar minha grife, abrir uma empresa nesse ramo”, conta Cristiane, que já deu o primeiro passo. “Comecei a fazer um plano de negócios, que está bem no comecinho, mas acho que esse é o princípio de tudo.” ■

■ **Tábita Nogueira Peres**, aluna, veste casaco produzido por ela durante o curso

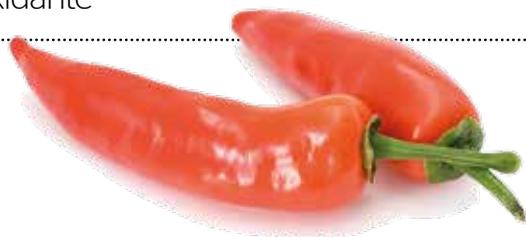


Pimenta X envelhecimento

Aprovado no Edital Senai Sesi de Inovação 2016, projeto visa à criação de cápsulas com extrato de pimenta, matéria-prima com alto potencial antioxidante

Andelaide Lima

Fotos: Alex Malheiros



Shutterstock

Referência na qualificação de profissionais para o mercado de trabalho, o Senai Goiás se consolida também como provedor de soluções tecnológicas para as indústrias, com diversas ações que ajudam a ampliar o portfólio de produtos e aumentar a competitividade dos empreendimentos. Na área

de apoio à pesquisa, uma das principais ferramentas disponíveis é o Edital Senai Sesi de Inovação – iniciativa de âmbito nacional que, anualmente, oferece às empresas suporte técnico e financeiro para elaboração de projetos.

Desde sua implantação, em 2004, o programa já aprovou no País 759 projetos de inovação, beneficiando 644 empresas, num investimento de R\$ 400 milhões. Goiás totaliza 69 projetos. Entre as experiências aprovadas no Estado em 2016, está o cosmético à base de extrato de pimenta que será desenvolvido pela indústria Alta Cosmética, do grupo Akmos, em parceria com o Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas, de Goiânia.

O novo produto usa ativos naturais para prevenir e reduzir sinais de expressão causados pelo envelhecimento da pele, substituindo componentes sintéticos prejudiciais ao meio ambiente. A iniciativa é uma oportunidade de mercado para a indústria de higiene pessoal, perfumaria e cosmético, que se encontra, atualmente, refém de insumos importados.

NOVO INSUMO E SUSTENTABILIDADE

Analista de Serviços de Tecnologia e Inovação do Senai e gestora técnica do projeto, Nathalia Barbosa conta que a proposta da inovação é agregar valor à produção de pimenta na utilização em formulações cosméticas. “A pimenta apresenta potencial atividade antioxidante para aplicação em produtos de combate ao envelhecimento, além de possuir constituintes químicos importantes que auxiliam na manutenção da saúde e beleza da pele, como vitaminas e carotenoides”, explica.

Nathalia destaca também que o projeto fornecerá

Shutterstock

um novo insumo, diminuindo os custos da empresa com importação de ativos sintéticos. “O projeto vai aproveitar um recurso natural e valorizar a indústria cosmética nacional no que diz respeito ao domínio de tecnologias ainda importadas para pesquisa, desenvolvimento e inovação.”

Fundador e diretor de expansão da Akmos, Willian Miranda diz que buscou parceria com o Senai para criação do produto pela competência e credibilidade da instituição. “Somos uma empresa inovadora que busca unir esforços com pessoas de gabarito e capacitadas para ajudar no desenvolvimento de produtos com alto valor agregado e diferencial competitivo. E o Senai se encaixa nesse perfil. Nos últimos dois anos crescemos 1.000%, com esse novo produto, que alia inovação e tecnologia, e na parceria com o Senai, o céu não é mais o limite para o grupo Akmos”, aposta o empresário.

Fundada em 2009, a Akmos produz cosméticos, perfumaria, alimentos, vestuário tecnológico e equipamentos terapêuticos. A sede administrativa da empresa está localizada em Belo Horizonte e a fábrica em Goiás, com franquias espalhadas em todo o Brasil. De olho no mercado internacional, a holding vem se modernizando e preparando sua base de forma sólida, com a repaginação de todos seus produtos e investimentos em novos projetos.

Incentivo a práticas inovadoras

Durante entrega da placa de participação no Edital Senai Sesi de Inovação para a empresa, em dezembro, o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, destacou que é fundamental apoiar às indústrias em iniciativas voltadas para as áreas de pesquisa aplicada e tecnologia. “O Sistema Fieg oferece várias ações para desenvolvimento de novas ideias, projetos em conjunto com indústrias de diversos segmentos, para promover a competitividade do setor industrial”, disse.

Gerente de Inovação e Tecnologia do

Senai, Cristiane Neves ressaltou que a parceria bem-sucedida com a Alta Cosmética é resultado do profissionalismo e da visão inovadora, que possibilitaram o êxito em todas as fases de aprovação do projeto. “Inovação deixou de ser um simples diferencial de mercado e tornou-se um fator de competitividade. E o Senai prepara as indústrias goianas para participação nas mais diversas fontes de fomento à pesquisa.”

Instalado na Escola Senai Vila Canaã,

o IST em Alimentos e Bebidas já ajudou a colocar no mercado cerca de 25 produtos e processos inovadores em diversos segmentos, com depósito de 16 patentes. “O complexo conta com pesquisadores capacitados nas áreas de alimentos, cosméticos, construção civil e ambiental, propiciando às empresas um diferencial competitivo”, observa Christiane Starling, gerente do instituto. ■



■ **“Na parceria com o Senai, o céu não é mais o limite para o grupo Akmos”**
Willian Miranda, fundador e diretor de expansão do grupo



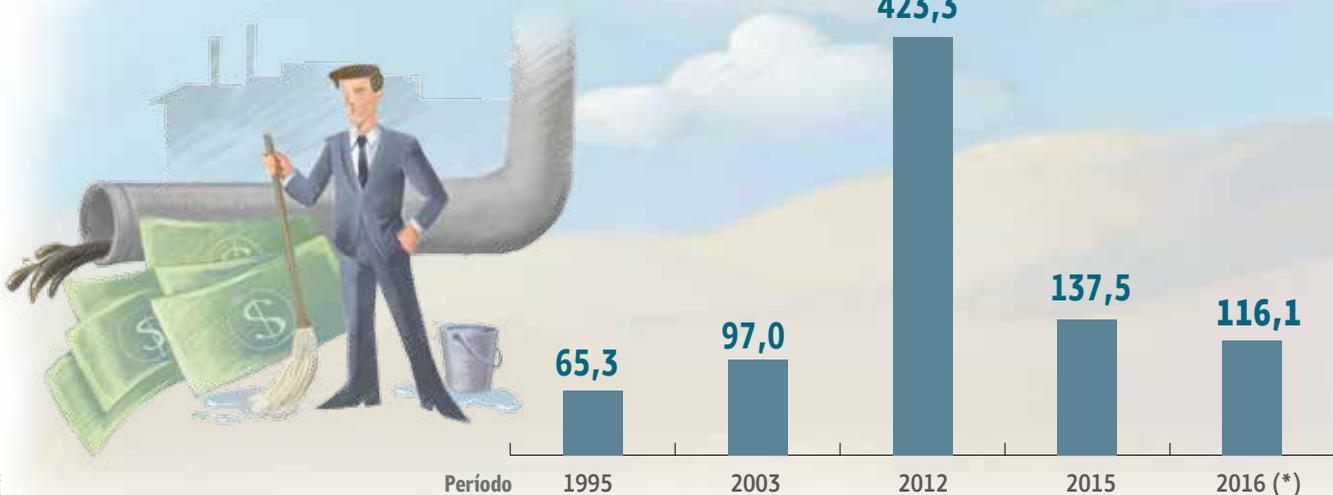
■ **Paulo Vargas e Pedro Alves** entregam placa de participação no Edital Senai Sesi de Inovação aos empresários Cláudio Apolinário e Willian Miranda, do grupo Akmos

DEVERIA SER MAIS RÁPIDO / Na visão da indústria, ainda que tenha acelerado neste ano o ritmo dos cortes, o Comitê de Política Monetária (Copom) deveria imprimir mais velocidade à queda dos juros básicos, fixados em 13% ao ano em janeiro. “Ao decidir pela redução de 0,75 ponto percentual na taxa de juros, o Copom considerou a forte recessão na economia brasileira e a convergência das expectativas de inflação para a meta em 2017”, observa Pedro Alves de Oliveira, presidente da Fieg. Mas, para ele, “a lenta redução da taxa Selic ocasiona o aumento nos juros reais, o que dificulta ainda mais a retomada da atividade econômica.” Para o setor industrial, acrescenta Pedro Alves, “a redução mais intensa da taxa de juros é indispensável para recuperar as condições financeiras das empresas e das famílias, incentivar o consumo e reativar a economia.”

O ROMBO DOS JUROS / Na última década e meia, a política monetária perseguida por sucessivas equipes econômicas impôs ao governo federal um custo equivalente a 38,5% do Produto Interno Bruto (PIB). Entre 2002 e novembro do ano passado, as despesas com juros do setor público federal consumiram R\$ 2,411 trilhões, exigindo cortes de investimentos e de despesas em áreas essenciais.

LAVA JATO / O mergulho foi determinado em boa medida pelos setores onde as grandes empresas atingidas pelas investigações do Ministério Público e da Polícia Federal têm ou tinham maior peso e influência. No total, entre 2012 e os 12 meses terminados em novembro deste ano, as consultas encolheram R\$ 307,156 bilhões, número equivalente a quase 5% do Produto Interno Bruto (PIB). Nos setores de extração mineral, química e petroquímica e de infraestrutura, a retração atingiu R\$ 160,542 bilhões, o que corresponde a uma contribuição de 52,3% para a queda observada no total agregado das consultas.

DE VOLTA A 2003 / O valor das consultas encaminhadas ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) por empresas que planejam investir em novos projetos, nos dados acumulados em 12 meses até novembro do ano passado, em números corrigidos pela inflação, atingiu seu menor nível em 13 anos. As consultas somaram R\$ 116,103 bilhões entre dezembro de 2015 e novembro de 2016, o que supera apenas os R\$ 97,039 bilhões acumulados nos 12 meses de 2003. Desde que atingiu seu pico mais recente, em 2012, quando chegaram a alcançar R\$ 423,259 bilhões, as consultas desabaram 72,6% em termos reais.



Intenção de investimento desaba

(Consultas ao BNDES, períodos selecionados, valores em R\$ bilhões, atualizados até novembro de 2016)

(*) Acumulado em 12 meses até novembro
Fonte: BNDES



O TOMBO POR SETOR / Proporcionalmente, a indústria extrativa mineral apresentou a maior perda, sob influência da redução dos investimentos na extração de petróleo e gás e também de minérios de ferro e não-ferrosos em geral. Na comparação entre 2012 e 2016, considerando-se sempre os dados acumulados em 12 meses até novembro do ano passado, as consultas no setor de extração desabaram de R\$ 43,509 bilhões para apenas R\$ 232,0 milhões, numa redução de R\$ 43,277 bilhões. A indústria de química e petroquímica, sob o impacto da crise instalada na cadeia de petróleo e gás, reduziu suas consultas em 91,5% em termos reais, baixando de R\$ 32,144 bilhões para R\$ 2,725 bilhões (R\$ 29,389 bilhões a menos). Já no setor de infraestrutura, essencial para as pretensões de crescimento de longo prazo do País, com potencial para agregar maior competitividade à economia, a queda foi de 66,5% no período, com as consultas saindo de R\$ 132,101 bilhões para R\$ 44,225 bilhões, ou seja, R\$ 87,876 bilhões a menos.

ESTAGNAÇÃO E RECORDE / Com exportações estagnadas em US\$ 299,30 milhões no ano passado, o setor de manufaturados conseguiu reduzir seu déficit comercial por conta da retração de 23,8% nas compras externas, que encolheram de US\$ 3,138 bilhões em 2015 para US\$ 2,392 bilhões em 2016. Com importações mais baixas, o déficit comercial no setor de bens manufaturados caiu de US\$ 2,839 bilhões para US\$ 2,093 bilhões, num tombo de pouco mais de 26%, representando US\$ 746,0 milhões a menos em números redondos. A queda expressiva no déficit em manufaturados foi a principal responsável pelo recorde na balança comercial goiana no ano passado, quando o saldo entre exportações e importações, na soma de todos os setores, atingiu quase US\$ 3,289 bilhões, crescendo 30,8% em comparação ao superávit de US\$ 2,515 bilhões acumulado no ano anterior.



Superávit histórico

(Resultado da balança comercial de Goiás, em US\$ milhões)



Fonte: Secretaria de Comércio Exterior (Secex)/Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic)

MINI-ETE: UMA BOA IDEIA, TRÊS PRÊMIOS

Desenvolvido pela Escola Senai Vila Canaã, em Goiânia, em parceria com Toctao Engenharia, o projeto Ecoágua (Mini-Ete), uma miniestação compacta de tratamento de efluentes de obras, sagrou-se, no final do ano passado, vencedor do 21º Prêmio CBIC de Inovação e Sustentabilidade, na categoria Gestão da Produção de P&D. A promoção, da Câmara Brasileira da Indústria da Construção, é destinada a reconhecer trabalhos de pesquisa que envolvam produtos e sistemas inovadores, com impacto na modernização dos processos construtivos no País.

Foi a terceira conquista do projeto, que já havia vencido o 1º Prêmio Sinduscon de Boas Práticas (Construir Mais) e o 15º Prêmio Crea de Meio Ambiente, ambos na categoria Inovação Tecnológica.

Construída com recursos do Edital Senai Sesi de Inovação, a máquina portátil minimiza os impactos ambientais causados pelo consumo de recursos hídricos nas construções. Com o equipamento, a água suja gerada nos processos de pintura, produção de argamassas, na limpeza dos caminhões betoneira e no chuveiro do vestiário poderá ser tratada e reutilizada para diversos fins, exceto para consumo humano.

“O projeto Ecoágua é um exemplo de que ideias simples podem ser transformadas em inovações tecnológicas para reduzir o impacto ambiental da construção civil”, comemorou Cinthia Martins, gestora ambiental da Toctao Engenharia.



TRI: equipe do Senai e diretores da Toctao Engenharia no pódio do 21º Prêmio CBIC de Inovação e Sustentabilidade, em Brasília



Técnicos do Senai e da Toctao Engenharia mostram máquina portátil para tratamento de água em canteiros de obras: reutilização chega a 90%



GOIÂNIA GANHA NOVA UNIDADE SESI E SENAI

Em gesto simbólico de reconhecimento ao ex-prefeito de Goiânia Paulo Garcia, o Sistema Fieg assinou, no Paço Municipal, ao fim de sua gestão, contrato de prestação de serviços com a Construtora e Incorporadora Santa Teresa, vencedora de licitação, para edificação da Unidade Integrada Sesi Senai Jardim Colorado, na Região Noroeste de Goiânia. A área, de 16 mil metros quadrados, foi cedida às instituições durante o mandato do ex-prefeito. O ato reuniu o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, os diretores da federação André



■ **Coordenador de Responsabilidade Social da Consciente Construtora, Felipe Inácio (esquerda)** recebe o Prêmio Top Imobiliário, pelo projeto Academia na Obra, ao lado dos executivos Flávia Felipe e Marcos Borela



PROJETO ACADEMIA NA OBRA, DO SESI E CONSCIENTE, É PREMIADO /

Desenvolvido em parceria entre o Sesi e a Consciente Construtora e Incorporadora, de Goiânia, o Projeto Academia na Obra foi destacado, no final do ano passado, na 11ª edição do Top Imobiliário e Condominial, a mais importante premiação do setor no Centro-Oeste. Lançado em 2012, o projeto tem como objetivo promover em canteiros de obras da incorporadora a prática de exercícios físicos, como musculação e ergometria, em horários após o expediente. A iniciativa, além de gratuita, racionaliza o tempo ao evitar deslocamento dos interessados em alguma atividade física. Além da doação de equipamentos típicos de academia por parte do Sesi, os colaboradores envolvidos no projeto produziram mais de 26 pares de halteres e 15 outros tipos de equipamentos com utilização de latas de tinta, canos de PVC, barras de ferro, concreto, mangueira e madeira, confeccionados com observância das normas da ABNT.

- **“Ter uma gestão de processos, valorizar as relações com colaboradores e vizinhança de nossas obras, primar pela qualidade e pontualidade de entrega são premissas das quais nunca abrimos mão e que nos levou a receber esses reconhecimentos, que estão interligados.”**
Ilézio Inácio Ferreira, presidente da Consciente Construtora

Rocha, Antônio Almeida e Wilson de Oliveira, o diretor regional do Senai e superintendente do Sesi, Paulo Vargas, o deputado Charles Bento e os diretores da construtora, Ernesto Rassi Neiva Moreira e Zair Neiva Moreira.

Um investimento de R\$ 26 milhões, a nova unidade terá 9 mil m² de área construída, com previsão de conclusão para o segundo semestre de 2018, e vai atender a uma região de alta densidade populacional, que abriga cerca de 400 mil habitantes. Ali, Sesi e Senai colocarão à disposição sua vasta gama de serviços, incluindo Educação Continuada, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Qualificação Profissional, devendo beneficiar inicialmente cerca de 1,4 mil alunos.

O presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, na foto entre o ex-prefeito (dir.) e Vargas, destacou a implantação em Goiânia de mais uma escola pelo Sistema Indústria, ampliando a rede Sesi e Senai, pela sua importância na promoção da educação básica e profissional, “instrumentos de construção da cidadania e de elevação socioeconômica da população”.

“A cidade tem de agradecer ao Sistema FIEG por mais uma unidade como essa. Uma escola que terá alta qualidade na formação lúdico-pedagógica de meninos e meninas, para que promovamos justiça social. E justiça social só se promove dando acesso à educação de qualidade a todos”, disse o ex-prefeito Paulo Garcia.

Força total

Vinícola goiana volta a apostar em concursos para dar maior visibilidade à produção, depois de ampliar seu portfólio e a área dos vinhedos



portfólio da Pireneus, que começa a crescer com o lançamento de outros vinhos. Em 2015, a empresa apresentou ao mercado a linha Terroir Pireneus, produzido a partir de uvas consideradas não apropriadas para o Intrépido e Bandeiras, que recebem apenas uvas de maturidade extrema e de qualidade superior, conforme o empresário.

A carta da Pireneus inclui ainda a Coleção Pessoal Marcelo de Souza, que sai apenas em temporadas com safras de uvas muito especiais, de altíssima qualidade, segundo explica. O projeto da vinícola, reforça ele, continua sendo a produção de “vinhos concentrados, maduros e intensos”.

A prioridade para este ano será assegurar maior visibilidade para os vinhos produzidos, reitera, lembrando que o Bandeiras chegou a ser eleito o melhor vinho na edição de 2013 do Anuário Brasileiro do setor e entrou para a lista dos 100 melhores do ano da revista Prazeres da Mesa, concorrendo com marcas importadas de renome, além de receber a segunda melhor pontuação da Vinum Brasiliis 2012, por conta de suas características de elevada potência, aroma e qualidade.

Em janeiro, a Pireneus recebeu visita da embaixadora da Nova Zelândia no Brasil, Caroline Bilkey, que veio conhecer o projeto goiano. Produtor vinícola de alta qualidade e de pequenas dimensões de terra, o país tem interesse em estabelecer parcerias e investimentos para expansão de sua produção de vinhos, segundo o superintendente de Comércio Exterior de Goiás, William O'Dwyer, que acompanhou a embaixadora na visita. ■



Alex Malheiros

PARCERIA EXTERNA: Marcelo de Souza e Silva (*direita*) ao lado da embaixadora da Nova Zelândia, Caroline Bilkey, da sócia Adriana Carvalho, e do superintendente de Comércio Exterior de Goiás, William O'Dwyer/Anne-Lotte

A Pireneus Vinhos e Vinhedos, instalada a 10 quilômetros do município de Cocalzinho de Goiás, na Serra dos Pireneus, vai adotar estratégia de mercado mais agressiva neste ano, participando mais ativamente de concursos com objetivo de dar maior visibilidade a sua produção. “Vamos voltar com força total, com os vinhos produzidos a partir das uvas colhidas na safra de 2015 e que chegaram ao mercado no final do ano passado”, afirma Marcelo de Souza e Silva, médico, sommelier e sócio da empresa, juntamente com sua mulher, a analista de sistemas Adriana Carvalho.

Em 2016, ele acrescentou mais um hectare à área original dos vinhedos, implantados há praticamente 12 anos num espaço de quatro hectares, e iniciou parceria com outro produtor de uvas da mesma região, que começou também em 2016 o plantio de três hectares de vinhas. No mesmo ano, a Pireneus atingiu produção média de quatro toneladas de uvas por hectare, das variedades Syrah, Tamplenillo e Barbera, totalizando 7,5 mil litros de vinhos.

A produção de vinhos foi iniciada em 2010, com os rótulos Intrépido e Bandeiras, ainda hoje os principais produtos no

■ CONFRATERNIZAÇÃO NA FIEG REÚNE MEIO EMPRESARIAL E POLÍTICO /

Em festa animada por feijoada e samba do conjunto goianiense Heróis do Botequim (foto 6), a confraternização de fim de ano da Diretoria da Fieg, em dezembro, no Sesi Clube Ferreira Pacheco, foi prestigiada por personalidades do mundo empresarial e político goiano.

O presidente Pedro Alves de Oliveira e Suely Paranaíba receberam o secretário estadual de Cidades e Meio Ambiente, Vilmar Rocha (camiseta laranja), ao lado de Hélio Naves Jr./Terezinha, Antônio Almeida, Solange/Paulo Afonso Ferreira, vice-presidente da CNI, e Sandro Mabel, assessor especial do presidente Michel Temer (foto 1).

Também marcaram presença William (Bill) O'Dwyer, superintendente de Comércio Exterior de Goiás, e o deputado estadual Virmondes Cruvinel Filho (foto 2); o pioneiro da indústria goiana Daniel Viana, presidente do Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens no Estado de Goiás, ao lado da coordenadora de eventos do Sistema Fieg, Lusmair Pinheiro, e do filho Plínio Viana, gerente do CIN-Fieg (foto3); o diretor-superintendente do Sebrae Goiás, Igor Montenegro/ Eliane Otto (foto 4), os diretores da Fieg Carlos Alberto de Paula Moura Júnior e André Luiz Baptista Lins Rocha (foto 5).



1



2



4



3



5



6

Fotos: Alex Malheiros

■ CORAL EM AÇÃO /

Sob regência do maestro Lecy Maria, o Coral Prof. Hélio Naves, do Sistema Fieg, se apresenta na confraternização conjunta de fim de ano dos colaboradores da Casa da Indústria e do Edifício Pedro Alves de Oliveira. Festa animada, organizada pela Associação dos Empregados do Sistema Fieg (Aesfieg).



Alex Malheiros

Mara Lucía de Oliveira



■ **FÁBRICA DE PIZZA /** Depois de montar uma fábrica de pizza em Terezópolis de Goiás, em área de 500 m², Daniel Doca comemora agora a inauguração de novo centro de distribuição da Trigale em Goiânia, no Bairro Feliz. O negócio, iniciado em 2008, tem parceria com a filha Daniella. “A paixão por massas está no DNA da família, que desde a década de 1970 manteve panificadoras nessa região da cidade. Além da massa diferenciada pré-assada, a variedade de tamanhos é nosso ponto forte”, conta.

■ **FRANQUIA /** Luciene Ludovico de Faria (foto), da Ultraflex, anuncia que sua marca de colchões vai abrir para franquias. A Ultraflex Exclusiv terá a primeira loja modelo inaugurada na Avenida 136, em Goiânia. “As lojas vão continuar vendendo, mas os franqueados oferecerão maior variedade num mesmo local, como a vedete, o conjunto box Taj Mahal, nossa linha de frente”, contou.



Jaqueline Souza



■ CORRIDA SOLIDÁRIA /

Em ação solidária promovida pela construtora Queiroz Silveira, corrida realizada fim do ano passado mobilizou 60 atletas, que percorreram 55 quilômetros, entre estande da empresa, na Alameda Ricardo Paranhos, em Goiânia, e Bela Vista de Goiás. Divididos em grupos (foto) e comandados pelo educador físico Fernando Diniz, eles doaram alimentos e roupas para programas sociais dos quais a construtora é parceira.

■ **ASFALTO PRONTO /** O empresário Flávio Fideles (FGF Terraplanagem Pavimentação) e o engenheiro Geraldo Teixeira (NG Asfaltos) firmaram parceria para fornecimento de massa asfáltica na execução de diversos tipos de capas, como microrrevestimento, lama asfáltica e CBUQ (Concreto Betuminoso Usinado a Quente) para obras condominiais e de prefeituras de todo o Estado. Apaixonado pela área, em que atua há mais de 20 anos, e especialista em rodovia, Flávio Fideles resolveu aprofundar-se com uma segunda formação no IFG de Goiânia: ano passado ele se tornou aluno de Engenharia de Transportes.



NG Asfaltos



Flávio Fideles

■ **DO CORAÇÃO** / O casal Genserico Jaime Fernandes e Ana Maria Ferreira Motta Fernandes, da Santa Tereza, indústria de formas, andaimes e escoramentos para construção civil, não tem olhos apenas para sua empresa, que contabiliza fornecimento de grandes obras, como o novo Estádio Olímpico, em Goiânia, e a Basílica de Trindade. A indústria é parceira da Feirinha do Coração, evento itinerante de artesanato, arte, antiguidade e comidas artesanais, cuja renda é revertida para projetos da Asdow, a Associação Down de Goiás. Criada há dois anos por Ana Maria, ex-presidente da entidade e mãe de Pedro, Maria Tereza e Matheus (os dois primeiros portadores da síndrome), a feira agora tem como palco o Centro Cultural Cora Coralina, no terceiro sábado do mês. Como no ano passado, o evento vai participar da TecnoShow Comigo, em Rio Verde, de 3 a 7 de abril.



■ **MODA INFANTIL** / Os empresários Helmo Jr. e Júlio Cesar Sousa comemoraram com catálogo novo os 30 anos da grife infantil Kuka Maluca. Nova indústria, inaugurada ano passado, conta com tecnologia de ponta para abastecer as quatro lojas de atacado e varejo da capital: Avenida 85, Goiás Center Modas e duas unidades na Avenida Bernardo Sayão. A dupla já se prepara para encarar feiras tradicionais do setor, como a FIT, no Anhembi, em São Paulo, no mês de março.



Fotos: Helmo Jr.

SIMELGO

NOVA DIRETORIA / Reeleito em chapa única, o professor Hélio Naves (foto) tomou posse dia 13 de janeiro para novo mandato à frente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás (Simelgo). Os futuros diretores, conselheiros e suplentes se reuniram para fazer a votação em conjunto. A nova diretoria, que ficará à frente do sindicato de 2017-

2019, é composta pelos empresários André Luis da Silva e Efraim Antônio Alves, primeiro e segundo vice-presidentes, e os diretores Alexandre L. C. Rodrigues, Jairo G. de Araújo, Jerônimo David de Souza e Valéria Mastrela de Freitas.



Silvio Simões

CONFRATERNIZAÇÃO / No início de dezembro, no Centro de Eventos do SESI Clube Ferreira Pacheco, o Simelgo promoveu sua feijoada de confraternização (foto) na presença de associados, familiares, amigos e convidados. Cerca de 180 pessoas prestigiaram o almoço. Professor Hélio Naves, em breve discurso, falou sobre a situação econômica do País, citando que a hora da recuperação da economia começou. “Teremos um ano de 2017 próspero, eu acredito. Vamos torcer e trabalhar muito”, disse, convocando os empresários do setor metalmeccânico e de material elétrico a se empenharem no crescimento e desenvolvimento de suas empresas.



Silvio Simões

PROCOMPI NO SETOR METALMECÂNICO

/ Vinte e cinco micro e pequenas empresas do setor metalmeccânico da Região Metropolitana de Goiânia poderão aderir ao Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi), promovido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), em parceria com o Sebrae e solicitado pelo Simelgo à Fieg. O objetivo é promover o aumento da produtividade com intervenções de baixo custo e foco na manufatura enxuta, buscando reduzir estoques, evitar a superprodução, racionalizar a movimentação e o tempo de espera, cortar excessos de processamento, transporte, retrabalho e desperdício. O projeto começa em fevereiro de 2017 e tem duração de um ano e quatro meses.

UNIFORMIZAÇÃO

/ Com sete Convenções Coletivas de Trabalho (CCTs) a cargo do Simelgo, a entidade decidiu padronizar as negociações, por se tratar de segmento econômico único. Apesar de cada base territorial ter suas particularidades, os diretores entendem que deve haver coerência em todas as negociações, inclusive nos índices negociados, pois o setor sofre crescimento ou queda como um todo, afetando igualmente as empresas. Atualmente, o sindicato negocia três CCTs: Luziânia, Jataí e Catalão, com data-base em novembro.

Fotos: Claudius Brito



FIEG ANÁPOLIS

PLANEJAMENTO DE AÇÕES E PARCERIAS / Um encontro com os presidentes dos sindicatos patronais, dirigentes das unidades do Sesi, Senai e IEL e o então prefeito eleito de Anápolis, Roberto Naves, ocorrido em dezembro (foto), antes de sua posse, sob coordenação da Fieg Regional Anápolis, abriu caminho para uma série de outros encontros que devem ocorrer ao longo de 2017, visando fortalecer e ampliar as parcerias entre o Executivo municipal e o Sistema Fieg. O encontro teve participação de todos os sindicatos patronais. Estiveram presentes Wilson de Oliveira (Fieg Regional Anápolis e SindAlimentos); Anastácios Apostolos Dagios (Sicma); Jair Rizzi (Siva); Robson Peixoto Braga (Simmea); Laerte Simão (Sindicer/GO) e Marçal Henrique Soares (Sindifargo). Também participam do encontro o diretor regional do Senai e superintendente do Sesi, Paulo Vargas; o superintendente do IEL Goiás, Humberto Rodrigues de Oliveira; o diretor da Faculdade de Senai Roberto Mange, Aroldo dos Reis Nogueira; as gerentes das unidades do Sesi Jaiara e Jundiá, Nara Núbia Costa e Marciana Neves; o gerente do IEL Anápolis, Fernando Nunes; a coordenadora da Fieg Regional Anápolis, Patrícia Oliveira; o economista e consultor da Fieg, Reinaldo Fonseca, além de vários colaboradores do Sistema Fieg e assessores de Roberto Naves.

HOMENAGEM A

PEDRO ALVES / O

presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, foi homenageado por lideranças anapolinas em novembro, durante a entrega da Sala de Trabalho para a Fieg Regional Anápolis e os Sindicatos das Indústrias sediados



Alex Malheiros

no Município no edifício que leva seu nome, em Goiânia (foto). Na oportunidade, foi lida e entregue uma carta de agradecimento ao presidente da federação, enaltecendo seu empenho para transformar o então Núcleo da Fieg em uma Regional, o primeiro braço da Federação no interior do Estado.

CAPITÃO WALDYR O'DWYER /

O presidente da Fieg Regional Anápolis, Wilson de Oliveira, fez uma visita de cortesia ao presidente de honra da entidade, capitão Waldyr O'Dwyer, no início de dezembro (foto). Na ocasião, ele relatou a homenagem que foi prestada ao fundador do então Núcleo Regional da Fieg, durante a inauguração da Sala de Trabalho no edifício Pedro Alves, em Goiânia. No alto de seus 100 anos de idade, completados em julho deste ano, o Capitão da Indústria, como é chamado, agradeceu o reconhecimento que tem recebido ao longo de sua trajetória pela federação.



BALANÇO POSITIVO / O

empresário Wilson de Oliveira, vice-presidente da Fieg, participou da última reunião ordinária de 2016 do Conselho de Assuntos Legislativos da Confederação Nacional da Indústria (CAL/CNI). Representante da federação goiana no colegiado, ele fez balanço positivo da participação da entidade nos trabalhos do conselho, que acompanha sistematicamente todos os projetos em tramitação no Congresso Nacional que afetam direta ou indiretamente o setor produtivo. Oliveira ressaltou que o CAL tem prestado serviço inestimável para a indústria e, por isso, estimulado a participação de lideranças dos sindicatos patronais nos encontros mensais do conselho.

SICMA

ASSEMBLEIA E REUNIÃO DE

DIRETORIA / O Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma) realizou em dezembro assembleia geral extraordinária (foto) para apreciar e aprovar a previsão orçamentária para o exercício de 2017, bem como discutir sobre a cobrança das contribuições confederativa e associativa no mesmo exercício. Após a assembleia, foi realizada uma reunião ordinária de diretoria. O presidente Anastácios Apostolos Dagios iniciou os trabalhos destacando que ganha corpo a proposta de implantação em Anápolis de uma base do Serviço Social da Construção Civil (Seconci).

A intenção, segundo ele, é reforçar a “prateleira” de serviços ofertados pela entidade e atrair novos filiados. Além disso, citou que será feito um trabalho também no sentido de reforçar a assessoria jurídica e para possibilitar o uso da estrutura que hoje está à disposição dos sindicatos no Edifício Pedro Alves, em Goiânia.



Fotos: Claudius Brito



PARCELAMENTO DO SOLO / Diretores do Sicma participaram, no início de dezembro, de reunião (foto) com o prefeito eleito Roberto Naves para debater uma série de assuntos relacionados ao Plano Diretor de Anápolis, dentre eles, a última etapa do projeto que dispõe sobre o parcelamento do solo. O encontro foi promovido pela Associação das Imobiliárias de Anápolis (AIA), juntamente com a Associação Comercial e Industrial de Anápolis (ACIA). O presidente da ACIA, Anastácios Apostolos Dagios, também presidente do Sicma, destacou que o setor produtivo tem sofrido muito com a crise econômica que assola o País e, em Anápolis, os problemas são agravados pelo excesso de burocracia e de normatizações. Ele solicitou que o prefeito interceda junto ao governo para que a Saneago deixe de cobrar ação mitigatória para a emissão do Atestado de Viabilidade Técnico Operacional (AVTO), exigido para os projetos de condomínios acima de 20 unidades. Roberto Naves afirmou estar sensível em relação às questões apresentadas e que a intenção é fazer uma gestão inovadora, reduzindo os entraves burocráticos.

FINAL DE ANO / A diretoria do Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma) realizou em novembro sua tradicional festa de confraternização de final de ano (foto). O evento reuniu, na Estância Monjolo, diversas lideranças do setor produtivo, empresários, diretores sindicais e familiares, além do presidente da Fieg, Pedro Alves.



SINDALIMENTOS



INTERCÂMBIO DE LIDERANÇAS / O presidente do Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis (SindAlimentos), Wilson de Oliveira, participou, em novembro passado, do 2º Intercâmbio de Lideranças Setoriais da Indústria da Alimentação (foto). As atividades, envolvendo representantes sindicais de vários Estados, ocorreram na sede da Federação das Indústrias do Estado do Ceará, em Fortaleza. O intercâmbio é uma iniciativa do projeto Associa Indústria, da CNI, em parceria com as federações e o Sebrae, destinado a fortalecer a representação empresarial, por meio da troca de experiências entre presidentes de sindicatos e da discussão de temas de interesse do setor.

SINDIFARGO

CÂMARA SETORIAL / O presidente do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo), Heribaldo Egídio, e o executivo da entidade, Marçal Henrique Soares, participaram, no dia 16 de novembro, da solenidade (foto) que instituiu, oficialmente, a Câmara Setorial de Medicamentos e Produtos para a Saúde (Casmed). O evento ocorreu no Auditório João Bennio, na Casa da Indústria. Criada pela Portaria nº 336 da Secretaria Estadual da Saúde (SES-GO), a Casmed é composta por representantes da Suvisa, do Laboratório Central de Saúde Pública Giovanni Cysneiros (Lacen), da Fieg, Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Estadual de Goiás (UEG), do Instituto de Ciências Farmacêuticas, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapego), Indústria Química do Estado de Goiás (Iquego), Departamento de Vigilância Sanitária de Anápolis e componentes das indústrias farmacêuticas, de insumos e de produtos para a saúde.



1º ENCONTRO UNIVERSIDADES X EMPRESAS

/ O Sindifargo promoveu também em novembro o 1º Encontro Universidades X Empresas (foto). O evento aconteceu em Anápolis, no prédio do Senai. Segundo Marçal Soares, presidente executivo da entidade, o tema em pauta foi a Lei da Inovação. O programa, como diz o próprio nome, tem como objetivo aproximar as instituições de ensino do segmento industrial, especificamente, da indústria farmacêutica. Outros encontros devem ocorrer, na mesma linha, com outras unidades de ensino superior, como Fatec Senai, UEG, PUC-GO, UniEvangélica e Alfa.

Alex Malheiros



SIMMEA

CONVENÇÃO COLETIVA / Sob a presidência do empresário Robson Peixoto Braga, o Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis (Simmea) realizou mais uma rodada de debate sobre a Convenção Coletiva de Trabalho de 2017 (foto). A reunião tratou da contraproposta encaminhada pela representação laboral. A expectativa, disse o presidente do Simmea, é que a mesma seja homologada com êxito. Robson Braga destacou o empenho da diretoria em participar ativamente das discussões em torno da Convenção Coletiva de Trabalho, o que, conforme diz, contribui para fortalecer a entidade.



Fotos: Claudius Brito



TRADIÇÃO / O Simmea reuniu diretores e seus familiares, empresários do setor, lideranças classistas, parceiros e convidados em torno da tradicional festa de confraternização de final de ano (foto). O evento aconteceu no salão do Sesi Jaiara. Dentre os presentes, estiveram o presidente da Fieg, Pedro Alves; o diretor regional do Senai, Paulo Vargas; o diretor regional do IEL, professor Hélio Naves; o presidente executivo do Sindifargo, Marçal Soares; o presidente do Siva, Jair Rizzi. O presidente do Simmea, Robson Peixoto Braga, fez um balanço positivo das ações da entidade durante o ano de 2016 e disse que é grande a expectativa para o ano que vem, quando o sindicato completa 40 anos de fundação.

SINDICER/GO

O SETOR EM DEBATE / Realizada no dia 15 de dezembro pelo Sindicato das Indústrias Cerâmicas do Estado de Goiás (Sindicar/GO), assembleia geral extraordinária com o objetivo de debater e deliberar sobre importantes assuntos de interesse do setor. Na pauta, a aprovação da previsão orçamentária para o exercício de 2017; a autorização para que a diretoria possa celebrar a Convenção Coletiva de Trabalho referente ao período 2017/2018 e, ainda, a questão da ação judicial que tem por objeto a incidência de ICMS nas faturas de energia elétrica das indústrias associadas. O presidente do Sindicar/GO, Laerte Simão, avaliou a reunião como muito produtiva e agradeceu aos diretores pela participação e apoio dado à presidência ao longo do ano.

SINDICATOS COM SEDE NO EDIFÍCIO PEDRO ALVES DE OLIVEIRA

Rua 200, Quadra 67-C, Lote 1/5, nº 1121 - Setor Vila Nova, em frente à Casa da Indústria - Goiânia-GO, CEP: 74645-230

SINPROCIMENTO

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás

Presidente: Olavo Martins Barros
Fone: (62) 3224-0456/Fax 3224-0338
sinprocimento@gmail.com

SINDIREPA

Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás

Presidente: Alyson Jose Nogueira
Telefone (62) 3224-0121/ 3224-0012
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDIAREIA

Sindicato das Empresas de Extração de Areia do Estado de Goiás

Presidente: Gilberto Martins da Costa
Fone/Fax: (62) 3224-8688
sindiareia@sistemafieg.org.br

SINDCEL

Sindicato das Indústrias da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás

Presidente: Célio Eustáquio de Moura
Fone: (62) 3218-5686 / 3218-5696
Sindcel.go@gmail.com

SINDIALF

Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confeção de Roupas para Homens no Estado de Goiás

Presidente: Daniel Viana
Fone: (62) 3223-2050

SIAEG

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás

Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel
Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@terra.com.br

SINDICALCE

Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás

Presidente: Elvis Roberson Pinto
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINCAL

Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás, Tocantins e DF

Presidente: José Antônio Vitti
Fone/Fax (62) 3223-6667
sininceg@sistemafieg.org.br

SINDICARNE

Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Tocantins

Presidente: José Magno Pato
Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindcarn@terra.com.br

SINDCURTUME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás

Presidente: Emílio Carlos Bittar
Fone/Fax: (62) 3213-4900
sindcurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás

Presidente: José Luiz Martin Abuli
Fone: (62) 3224-7443
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás

Presidente: Joaquim Guilherme Barbosa de Souza
Fone: (62) 3212-1135 / Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SIMPLAGO

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás

Presidente: Bruno Franco Beraldi Coelho
Fone: (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDIPAO

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás

Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida
Fone: (62) 98422-4022
sindipao@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás

Presidente: Eliton Rodrigues Fernandes
Telefone: (62) 3225-9889
simagran@sistemafieg.org.br

SINCAFE

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás

Presidente: Jaques Jamil Silvério
Fone: (62) 3212-7473 - Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br

SINVEST

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás

Presidente: José Divino Arruda
Fone/Fax: (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras e Derivados do Estado de GO, TO e DF

Presidente: Flávio Santana Rassi
Fone/Fax: (62) 3213-0778
sindibrita@sistemafieg.org.br

SIEEG-DF

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal

Presidente: Domingos Sávio G. Oliveira
Fone: (62) 3212-6092 - Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás

Presidente: Antônio de Sousa Almeida
Fone: (62) 3223-6515 - Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br

SIMELGO

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás

Presidente: Hélio Nunes
simelgo@sistemafieg.org.br
Fone/Fax: (62) 3224-4462
contato@simelgo.org.br

SINDQUÍMICA-GO

Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás

Presidente: Jaime Canedo
Fone: (62) 3212-3794/Fax 3225-0074
sindquimica@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás

Presidente: Enoque Pimentel do Nascimento
Fone/Fax: (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste

Presidente: Sérgio Scodro
Presidente-Executivo: André Lavor P. Barbosa
Fone: (62) 3223-9703
sindtrigo@gmail.com

OUTROS ENDEREÇOS

SIFAÇÚCAR

Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás

Presidente: Otávio Lage de Siqueira Filho
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone: (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SIMESGO

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano

Presidente: Heitor de Oliveira Nato Neto
Rua Costa Gomes, nº 143 Jardim Marconal
CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax: (64) 3623-0591
simesgo1@hotmail.com

SINDUSCON-GO

Sindicato das Indústrias da Construção no Estado de Goiás

Presidente: Carlos Alberto de Paula Moura Júnior
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste
CEP 74120-110 - Goiânia- GO
Fone: (62) 3095-5155
contato@sinduscongoias.com.br

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Confeções de Roupas em Geral de Goiânia

Presidente: Edilson Borges de Sousa
Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0877
sinroupas@yahoo.com.br

SIFAEG

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás

Presidente: Otávio Lage de Siqueira Filho
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia- GO
Fone: (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045
sifaeg@terra.com.br

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás

Presidente: José Nivaldo de Oliveira
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno
CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3251-3691
siagoarroz@hotmail.com

SINDICATOS/ANÁPOLIS

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiá, Anápolis/GO - CEP 75113-630
Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3324-5997
fieg.regional@sistemafieg.org.br

SINDALIMENTOS

Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis

Presidente: Wilson de Oliveira
sindalimentos@sistemafieg.org.br

SICMA

Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis

Presidente: Anastácios Apostolos Dagios
sicma@sistemafieg.org.br

SINDICERGO

Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás

Presidente: Laerte Simão
sindicergo@sistemafieg.org.br

SIVA

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis

Presidente: Jair Rizzi
siva@sistemafieg.org.br

SINDIFARGO

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás

Presidente-Executivo: Marçal Henrique Soares
sindifargo@sistemafieg.org.br

SIMMEA

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis

Presidente: Robson Peixoto Braga
simmea@sistemafieg.org.br

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 36 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.



Empresário

Resolva seu conflito judicial com a 6ª Corte de Conciliação e Arbitragem de Goiânia.

99%
de acordos realizados
COM SUCESSO.

Rápido
Sigiloso
Econômico
Eficaz

Informações:
(62) 3216-0441

6ª CCA

6ª Corte de Conciliação
e Arbitragem



EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA SENAI.

Atualize sua equipe e aumente a competitividade da sua empresa.



 8 cursos técnicos.

 17 cursos de qualificação.

 Cursos customizados para sua empresa.

 Menor impacto na rotina de trabalho.

 Aumento nos índices de competitividade da empresa.

www.senaigo.com.br

Goiânia - 4002-6213

Demais localidades - 0800 6421313

FIEG
SENAI
IEL
ICO BRASIL

FIEG SENAI